

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**EXPECTATIVAS DE PROFISSIONAIS DE CINOTERAPIA FACE À EFICÁCIA DA  
INTERVENÇÃO EDUCACIONAL**

**Cheila Isabel Agostinho Caturra**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**EXPECTATIVAS DE PROFISSIONAIS DE CINOTERAPIA FACE À EFICÁCIA DA  
INTERVENÇÃO EDUCACIONAL**

**Cheila Isabel Agostinho Caturra**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Sara Bahia dos Santos Nogueira

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
(Secção de Psicologia da Educação e da Orientação)

2016

## **Agradecimentos**

A presente dissertação de mestrado, graças à sua natureza, representa o culminar de exigentes desafios que apenas puderam ser superados com o apoio de todos aqueles que acreditaram no meu sucesso. Assim, deixo aqui expresso o meu sincero agradecimento.

Aos meus pais e aos meus avós, pelo esforço incondicional que fizeram, sem os quais teria sido impossível a concretização deste sonho.

À minha irmã, por me incentivar a ser um exemplo de irmã mais velha.

Ao Miguel, pelo amor, carinho e suporte que me proporcionou ao longo deste percurso. Agradeço a força que me transmitiu, os conselhos que me facultou e a paciência que reservou para mim durante os últimos anos. Sem ele, todo o caminho teria sido mais tortuoso.

Às minhas melhores amigas, Ana e Vera, pelo amparo e apoio que sempre me disponibilizaram, apesar da distância que nos separou durante este percurso académico.

À colega de casa que mais me marcou, Marguerita, pelas vezes em que me auxiliou quando eu estava num vale e pelas vezes em que me aplaudiu quando eu estava num cimo.

Ao Luís e à Andreia, amigos da faculdade que levo juntamente com a bagagem curricular, pelas risadas, pelas partilhas, pelas lamúrias que fizeram parte destes últimos anos.

Aos docentes que acompanharam o meu percurso académico, transmitindo-me ensinamentos profissionais e pessoais.

Aos profissionais com quem lidei neste último ano, em contexto de estágio e de dissertação, que foram uma ajuda essencial na descoberta de mim mesma.

A todos aqueles que, direta e indiretamente, colaboraram na concretização deste marcante trajeto da minha vida.

A todos, por acreditarem em mim e não me deixarem desistir. Muito obrigado!

## **Resumo**

A presente dissertação descreve uma investigação que se propôs a conhecer as expectativas de profissionais de cinoterapia face à eficácia dessa intervenção educacional. A cinoterapia é uma terapia acompanhada por profissionais da saúde, da educação ou das ciências humanas, que utiliza o cão como coterapeuta, em diversas situações clínicas. À semelhança de outras terapias, a cinoterapia envolve expectativas, um fator que se pensa ter influência tanto no processo como nos resultados terapêuticos, podendo alterar o rumo de uma intervenção terapêutica. Assim sendo, o seu estudo motivou o desenvolvimento desta investigação de natureza qualitativa, com a participação de cinco profissionais da área da educação e da saúde, com formação especializada em intervenções assistidas por animais, que praticam a sua atividade no distrito de Lisboa. Este estudo recorreu a entrevistas semiestruturadas, sujeitas posteriormente à técnica de análise de conteúdo, para alcançar o objetivo a que se propôs. Os resultados mostraram que os cinoterapeutas acreditam na eficácia da terapia, ante benefícios de ordem social, comportamental, cognitiva, física, emocional e educacional, em diferentes populações. Mais ainda, foram evidenciadas as expectativas dos cinoterapeutas em relação à terapia – facilitação de resultados terapêuticos, bem-estar, interação e motivação, que se revelaram em consonância com as mudanças percecionadas. Conclui-se, pois, que a cinoterapia tem potencial para se difundir por diversas áreas, visto que o cão é percebido como um meio eficiente para promover o desenvolvimento e a mudança humana, ao passo que facilita o processo educativo do ser humano.

Palavras-chave: Expectativas; Cinoterapia; Eficácia; Intervenção; Psicologia da Educação.

### **Abstract**

This thesis describes an investigation that aimed to meet the expectations of dog therapy professionals concerning the effectiveness of educational intervention. The dog therapy is a therapy accompanied by health, education or humanities professionals which uses the dog as co-therapist in different clinical situations. Like other therapies dog therapy involves expectations, a factor thought to have influence both the process and the therapeutic results and can change the course of a therapeutic intervention. Therefore, their study prompted the development of this qualitative research with the participation of five health and education professionals, with specialized training in interventions assisted by animals, who practice their activity in the district of Lisbon. This study has used semi-structured interviews, subsequently subjected to content analysis technique, to achieve the goal it has set itself. The results showed that the dog therapy professionals believe in the therapy effectiveness, in view of social, behavioral, cognitive, physical, emotional and educational benefits in different populations. Moreover, the results showed the expectations of dog therapy professionals regarding therapy - facilitation of therapeutic outcomes, well-being, interaction and motivation, which proved to be on the basis of the perceived changes. Thus it can be concluded that the dog therapy has the potential to spread across different fields, once the dog is perceived as an effective means to promote development and human change, while facilitating the educational process of the human being.

**Keywords:** Expectations; Dog Therapy; Efficiency; Intervention; Educational Psychology.

## Índice Geral

Apresentação .....	1
<b>Capítulo 1 – Enquadramento Teórico</b>	
<b>1.1 Relação Homem-Animal .....</b>	<b>3</b>
<b>1.2 Intervenção Assistida por Animais .....</b>	<b>5</b>
<b>1.2.1 História .....</b>	<b>5</b>
<b>1.2.2 Conceitos .....</b>	<b>6</b>
<b>1.2.2.1 Cinoterapia .....</b>	<b>7</b>
<b>1.2.2.1.1 Benefícios da Cinoterapia.....</b>	<b>8</b>
<b>1.3 Psicologia da Educação.....</b>	<b>12</b>
<b>1.3.1 Psicologia da Educação e Cinoterapia .....</b>	<b>13</b>
<b>1.4 Importância das Expectativas.....</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 2 – Método</b>	
<b>2.1 Objetivo.....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 Tipo de Investigação .....</b>	<b>16</b>
<b>2.3 Participantes.....</b>	<b>16</b>
<b>2.4 Instrumento .....</b>	<b>18</b>
<b>2.5 Procedimento de Recolha de Dados .....</b>	<b>20</b>
<b>2.6 Procedimento de Análise de Dados .....</b>	<b>20</b>
<b>Capítulo 3 – Resultados</b>	
<b>3.1 Resultados Obtidos .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Discussão.....</b>	<b>31</b>
Considerações Finais .....	37
Referências Bibliográficas .....	40
Apêndices.....	45

## **Índice de Quadros**

Quadro 1. Emergência das categorias iniciais .....	21
Quadro 2. Desmembramento das categorias iniciais em categorias intermédias .....	22
Quadro 3. Desconjunção das categorias intermédias em categorias finais.....	23

## Índice de Apêndices

A. Pedido de Colaboração.....	46
B. Guião de Entrevista .....	47
C. Termo de Consentimento Informado .....	49
D. Transcrição da 1. <sup>a</sup> Entrevista.....	50
E. Transcrição da 2. <sup>a</sup> Entrevista.....	55
F. Transcrição da 3. <sup>a</sup> Entrevista.....	58
G. Transcrição da 4. <sup>a</sup> Entrevista.....	62
H. Transcrição da 5. <sup>a</sup> Entrevista.....	65
I. Síntese do Procedimento de Análise de Dados .....	69



## **Apresentação**

O produto da investigação científica em Psicologia da Educação tem sido, nos últimos tempos, tanto e tão valioso que demanda novas estruturas de ensino e aprendizagem, no sentido de as atualizar, aprofundar e especializar (Veiga, 2013).

Ao longo dos tempos, os animais têm sido aproveitados nas mais variadas funções. Desde as antigas civilizações que existem relatos do uso de animais para benefício humano (Dotti, 2005).

Atualmente, nas sociedades consideradas mais desenvolvidas, os animais estão a ser utilizados, de forma metódica, em contextos terapêuticos e educativos (Lima & Sousa, 2004).

Uma das variantes do uso de animais para benefício humano é a cinoterapia, uma terapia assistida por um cão. Sem dúvida que o cão é, na maior parte dos casos, a espécie animal mais eficaz para participar em quase todos os tipos de contexto (Lima & Sousa, 2004), uma vez que possui uma afeição natural pelas pessoas, tem uma grande aceitação por parte das mesmas e responde positivamente ao toque (Sobreira, 2013). Estas e outras características tornam-no um coterapeuta de grande aceitação entre as várias faixas etárias.

A Psicologia da Educação, que se pode definir como um trabalho em comunidade, articulado com diferentes agentes (Gaitas & Morgado, 2010) tem agora a possibilidade de ser coadjuvada pela cinoterapia.

Apesar da potencialidade que esta terapia dispõe, a sua eficácia pode ser afetada pelas expectativas que os cinoterapeutas levam para a intervenção terapêutica. Desta forma, a pertinência deste estudo prende-se na necessidade de explorar um fator que pode ter uma importância significativa no desenvolvimento do processo – as expectativas de profissionais de cinoterapia.

Apresentando como objetivo geral o conhecimento das expectativas de profissionais de cinoterapia face à eficácia desta intervenção, e dada a inexistência de trabalhos empíricos

acerca desta temática, a presente investigação, de natureza qualitativa, recorreu à entrevista semiestruturada sujeita posteriormente à análise de conteúdo para alcançar o seu propósito.

Assim, esta dissertação, onde é descrita a investigação em causa, inicia-se, no primeiro capítulo, com a apresentação dos referenciais teóricos acerca do tema em estudo, segue-se a descrição da metodologia, no segundo capítulo, e encerra, no terceiro capítulo, com a exposição dos resultados obtidos e respetiva discussão.

## **Capítulo 1 – Enquadramento Teórico**

### **1.1 Relação Homem-Animal**

Por se tratar de um animal social, o ser humano está em constante relacionamento, quer com os seus semelhantes, quer com a natureza. A este respeito, Edward O. Wilson propõe, em 1984, a Hipótese da Biofilia, que afirma que ao longo da evolução humana, a condição física da espécie foi desenvolvida no sentido de expandir a capacidade de caçar animais e de localizar as fontes de alimentos vegetais. Como tal, o aparato encefálico desenvolveu-se a partir de uma predisposição para focar a atenção em animais e nos estímulos e propriedades do ambiente envolvente (Faraco et al., 2009). Assim, o ser humano possui uma atração e um interesse genuíno pela natureza (Carlisle, 2015).

Humanos e animais foram aprendendo a conviver um com o outro, promovendo relações especiais entre eles, acabando por trazer benefícios (Caetano, 2010).

Deste modo, nas últimas décadas, surgiu um crescente interesse científico pelo estudo da relação homem-animal, com respeito ao seu potencial terapêutico relativamente à saúde humana e qualidade de vida (Dornelas, Dornelas & Vieira, 2015).

Constatou-se, por meio de observação empírica, que os animais são dotados de afeto, funcionando como fonte de carinho ou mero companheirismo para os seus donos (Silva, 2011), ao passo que também podem auxiliar processos terapêuticos, incentivando atividades, promovendo a autoaceitação, mediando relações, combatendo a solidão, estimulando contactos ou simplesmente alegrando o ambiente (Dornelas et al., 2015). Becker e Morton (2003) acrescentam que por meio de um relacionamento íntimo com animais são despertadas nos humanos características como a lealdade, o amor, o instinto e a jovialidade. Carlisle (2015), por sua vez, destaca o efeito catalisador que os animais provocam ao facilitar a interação social entre humanos. Mais ainda, os animais podem facultar aos indivíduos momentos de tranquilidade e alegria, uma vez que ajudam a pôr de parte problemas,

insatisfações ou sentimentos de solidão e tristeza, além de facilitarem o desabafo de quem padece, sem julgar ou criticar (Silva, 2014).

Estudos do “*American Journal of Cardiology* mostram que indivíduos que interagem constantemente com animais tendem a apresentar níveis regulados de stress e de pressão arterial, estando deste modo menos propensos a desenvolver problemas cardíacos” (Caetano, 2010). Também Berzins (2000, citado por Caetano, 2010) afirma que a presença de animais de estimação favorece a diminuição de ansiedade, stress e alterações cardíacas.

As crianças podem beneficiar igualmente do convívio com animais. Dotti (2005) refere que as crianças gozam da companhia de animais de estimação para o seu próprio conforto quando se sentem chateadas, solitárias ou tristes. Ademais, revelam um desenvolvimento cognitivo e socioemocional mais acelerado assim como a coordenação motora, em comparação com crianças que não experienciam este convívio. Também durante as fases de transição da criança os animais são preciosos apoios sociais, funcionando como companheiros de escuta e confidentes (Carlisle, 2015). Becker e Morton (2003) também enfatizam o desenvolvimento da autoestima, respeito e companheirismo e a estimulação da produção de endorfina e adrenalina, a partir do convívio de animais, especificamente cães, com crianças. Este autor acrescenta ainda que a assiduidade deste convívio tem como consequência para as crianças uma comunicação interpessoal melhorada, maior sociabilidade e melhor rendimento escolar. A este respeito, Onari (s.d.) revela que animais de estimação se mostram bastante prestáveis com crianças, tanto em casa como na escola, aumentando a autoestima da criança, melhorando a sua integração na sala de aula, incentivando o contacto social com outras crianças e aumentando a vontade de aprender.

Assim, percebem-se as vantagens para a saúde humana proporcionadas por tal interação, as quais são cada dia mais compreendidas e valorizadas (Lampert, 2014).

## 1.2 Intervenção Assistida por Animais

### 1.2.1 História

A utilização de animais como parte integrante de um programa terapêutico foi registada primeiramente no século IX, na Bélgica, onde portadores de necessidades especiais foram autorizados a cuidar de animais domésticos (Dotti, 2005). Mais tarde, em 1792, em Inglaterra, William Tuke fundou o *York Retreat*, uma instituição onde animais domésticos auxiliavam o tratamento de doentes mentais, incentivando a sua movimentação e comunicação (Caetano, 2010). Por sua vez, em 1867, na Alemanha, foi fundado um lar residencial para epiléticos, no qual eram utilizados animais como coadjuvantes no tratamento (Caetano, 2010). Já em 1944, num hospital em Nova Iorque, animais prestaram auxílio no tratamento de soldados que haviam sofrido traumas psicológicos durante a II Guerra Mundial (Lampert, 2014).

O auge da história da intervenção assistida por animais surgiu com Boris Levinson, em 1961, também em Nova Iorque, que juntamente com Jingles, o seu cão, revolucionou a psicoterapia, restabelecendo a saúde mental de crianças com distúrbios emocionais (Lampert, 2014), utilizando Jingles como elemento motivador para as crianças mais resistentes à terapia. O contributo de Levinson foi de tal modo importante que foi considerado o precursor da intervenção assistida por animais (Caetano, 2010).

À medida que o interesse nesta intervenção aumentava, especialistas do Hospital Psiquiátrico da Universidade Estadual de Ohio, em 1970, seguindo as pisadas de Levinson, recolheram pela primeira vez dados empíricos sobre o uso de animais em contexto terapêutico (Turner, 2011). Anos mais tarde, em 1977, foi fundada a *Delta Society*, uma organização multidisciplinar sem fins lucrativos criada para promover a investigação da ligação homem-animal (Lima & Sousa, 2004).

Todavia, foi nos primórdios do século XXI que esta intervenção foi alvo de maior atenção, com o surgimento de várias pesquisas experimentais que relatavam os benefícios trazidos pela intervenção assistida por animais (Turner, 2011).

### 1.2.2 Conceitos

A *Delta Society* distingue duas categorias gerais de intervenções com animais: atividades assistidas por animais e terapias assistidas por animais (Delta Society, 2006).

Atividades assistidas por animais são atividades que visam, de modo informal, a mera obtenção de benefícios motivacionais, educacionais e recreativos, contribuindo para um aumento na qualidade de vida. De carácter lúdico, estas atividades podem decorrer numa variedade de ambientes sob a responsabilidade de profissionais formados ou de voluntários credenciados que atuam em conjunto com animais criteriosamente selecionados. A realização destas atividades não exige a prévia definição de objetivos específicos, nem a medição e o registo de resultados, podendo a mesma atividade ser repetida por diferentes indivíduos (Lima & Sousa, 2004).

Terapias assistidas por animais, por sua vez, consistem em intervenções individuais ou grupais, planificadas e concretizadas para alcançar determinados objetivos terapêuticos, como a saúde física, social, emocional ou cognitiva, tendo por base a capacidade de vinculação homem-animal. Estas terapias são processos terapêuticos com procedimentos e metodologias, conduzidas por profissionais da saúde, da educação ou das ciências humanas, como psicólogos, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, terapeutas da fala, fisioterapeutas ou professores, com formação especializada, que levam a cabo atividades de acordo com a sua área de formação. Estas intervenções podem incorporar um ou vários animais que atendam a certos critérios específicos, ajustados aos objetivos terapêuticos (Delta Society, 2006). Ei-los: (a) controlo dos esfíncteres, (b) saudáveis consoante os requisitos de salubridade exigidos por

lei, (c) noções de obediência básica, (d) temperamento calmo, sem historial de agressões nem treino como animal de guarda ou incentivado a morder, (e) idade mínima de um ano e (f) não ser animal exótico (Pet Partners, 2012, citado por Nogueira, 2015). Nesta terapia, os animais são transformados em elemento de cumplicidade, como um catalisador de emoções, tornando-se facilitadores de socialização e fonte de aprendizagem (Mendonça, Silva, Feitosa & Peixoto, 2014).

Qualquer que seja a intervenção com animais, deve fazer-se sob a alçada de uma equipa multidisciplinar, não tendo apenas como pretensão a saúde e bem-estar humano, mas também a saúde e bem-estar animal (Delta Society, 2006).

#### **1.2.2.1 Cinoterapia**

Nas intervenções assistidas por animais, várias são as espécies que podem corresponder aos objetivos do profissional: peixes, pássaros, coelhos, cavalos, gatos, golfinhos e cães. Evidentemente que os cães são, na maioria dos casos, a espécie mais eficaz para participar neste tipo de intervenção, visto que podem ser treinados com facilidade e, concomitantemente, ser incluídos em quase todos os tipos de contexto (Lima & Sousa, 2004). A esta intervenção dá-se o nome de cinoterapia.

A cinoterapia é uma terapia devidamente acompanhada por profissionais de diversas áreas, que utiliza o cão como coterapeuta durante as sessões, funcionando como instrumento de reforço, de estímulo e de facilitação do processo (Silva, 2014). Por se basear nos benefícios da relação homem-animal, trata-se de uma terapia adjuvante em diversas situações clínicas (Silva, 2014), especialmente com crianças, que não veem o cão como terapeuta, mas sim como amigo (Mendonça et al., 2014). Por apresentar uma afeição natural pelos humanos, gerando apego e criando vínculos (Mendonça et al., 2014), para além das suas características

particulares de inteligência e percepção, o cão é considerado um agente facilitador entre o indivíduo e o terapeuta (Dotti, 2005).

A participação do cão na terapia depende do trabalho realizado pelos profissionais que devem ter, por um lado, formação específica neste âmbito e, por outro lado, trabalhar em íntima colaboração com outros profissionais, de forma a garantirem um desempenho adequado na realização de tarefas específicas para cada um dos indivíduos (Lima & Sousa, 2004).

Portanto, de acordo com Becker e Morton (2003), este é um vínculo que merece ser explorado, celebrado, protegido e expandido.

#### **1.2.2.1.1 Benefícios da Cinoterapia**

A relação entre animais e a saúde humana é apoiada no Modelo Ecológico do Desenvolvimento. De acordo com este modelo, postulado por Bronfenbrenner, o meio exerce influência na formação, desenvolvimento e saúde humana (Faraco et al., 2009).

Deste modo, a ideia de que os animais pudessem atuar como coadjuvantes no processo terapêutico tem ganhado força (Onari, s.d.), trazendo aos profissionais da saúde e da educação a perspectiva de recursos terapêuticos auxiliares (Caetano, 2010).

A este respeito, Nogueira (2015) distingue quatro níveis de utilização do cão: a) como auxiliar do psicoterapeuta, em que o animal reduz o impacto que o indivíduo sente ao ingressar na terapia, redirecionando as atenções para o animal ao invés de se concentrar nas técnicas terapêuticas, o que diminuirá a dependência e a ansiedade que possa surgir das apreciações do terapeuta face ao problema, permitindo fortalecer a relação terapêutica; b) como terapeuta, em que os indivíduos assumem o autocontrole, através da interação e do nível de comunicação estabelecido com os animais, o que permite libertar emoções e ultrapassar inibições; c) como um meio de acelerar as mudanças eficazes e sem pressões ou



expectativas, com aceitação e compreensão; e d) como forma de estabelecer contato com a natureza.

Desta maneira, o animal pode ser utilizado com vista à obtenção de benefícios físicos. Wright et al. (2015) revelaram que, na companhia de um cão, se efetuam alterações na atividade física, frequentes acessos ao exterior ou mudanças nas rotinas de cuidadores de crianças com transtorno do espectro do autismo, reduzindo-lhes os níveis de stress. Caetano (2010), por sua vez, revelou que o cão auxilia a reabilitação motora de idosos diagnosticados com patologias neuromusculares, quando existir um contacto sistemático. Estudos que relacionam intervenções assistidas por animais que incluem cães e o processo de dor destacaram ainda que, no caso de crianças, o impacto na redução da dor pode ser comparado com o uso de analgésicos orais para adultos, graças ao papel que o animal possui na produção de endorfinas que instigam sentimentos de bem-estar, aumentando a resposta imunológica e os fatores fisiológicos, tais como redução do ritmo cardíaco, pressão sanguínea, ritmo respiratório, aumento da temperatura periférica, etc., indicativos da ativação do sistema parassimpático, próprio da resposta de relaxamento (Nogueira, 2015). No caso de adultos diagnosticados com fibromialgia ou cancro, a interação com o cão resultou numa redução significativa da dor e do sentimento de aflição, gerando respostas positivas aos tratamentos (Nogueira, 2015).

O cão também pode ser utilizado com vista à obtenção de benefícios emocionais. Pesquisas identificaram respostas neurobiológicas em crianças na presença de cães, que se relacionam com uma redução potencial de sintomas e comportamentos associados a distúrbios emocionais (Butterly, Percy & Ward, 2013). Por outro lado, Reichart (1998, citado por Oliveira, 2007), ao estudar a importância do cão na terapia com crianças vítimas de abuso sexual, as quais se tornaram introvertidas e tímidas, apurou que o animal podia ajudá-las a expressar sentimentos e emoções que não seriam revelados ao terapeuta tão prontamente.

Também num estudo com cães em contacto com crianças com transtorno do espectro do autismo, os progenitores relataram que os filhos tinham aumentado o nível de felicidade, diminuído a ansiedade e revelado menos explosões emocionais (Carlisle, 2015). Foi igualmente revelado que o relacionamento com o cão funciona como apoio de indivíduos em momentos difíceis, incluindo crianças afetadas por doenças graves ou perante mortes de entes queridos (Wright et al., 2015). Mais ainda, os níveis de stress mostraram-se mais reduzidos na presença de um cão, comparativamente à presença de um amigo (Wright et al., 2015).

O animal também possibilita benefícios sociais. Crianças diagnosticadas com transtorno do espectro do autismo, com especial incidência em crianças com sintomas mais severos, na presença de um cão, tenderam a aumentar os comportamentos sociais positivos, tais como a reciprocidade social, a interação social, a comunicação e o contacto visual, e diminuir os comportamentos sociais negativos, tais como a alienação e o isolamento, em comparação com o trabalho realizado apenas com o terapeuta (Lampert, 2014; Carlisle, 2015; Nogueira, 2015). Em estudos acerca da eficácia das intervenções assistidas por animais em adultos diagnosticados com afasia, os resultados sugeriram que o cão funciona como catalisador da comunicação humana, uma vez que os indivíduos se encontravam menos passivos quando abordados para comunicar (Nogueira, 2015). O mesmo autor referiu que adultos diagnosticados com esquizofrenia, ao relacionarem-se com cães, melhoram a comunicação verbal e não-verbal, permitindo-lhes interagir com outras pessoas, promovendo o desenvolvimento de laços relacionais (Nogueira, 2015). Também com adultos com deficiência motora, acompanhados de cães, foram notados aumentos quatro vezes maiores das abordagens amigáveis durante os seus passeios, em comparação com adultos com deficiência sem o acompanhamento de cães (Bonnie, Mader, Lynette & Hart, 1989).

O cão pode ainda ser utilizado com vista à obtenção de benefícios cognitivos. Butterly, Percy e Ward (2013) revelaram que a interação com o cão promove nas crianças habilidades

para resolver problemas, aumento da capacidade de concentração e aumento de competências linguísticas. Por sua vez, crianças com transtorno do espectro do autismo demonstraram um incremento do uso da linguagem (Carlisle, 2015), assim como melhorias em áreas críticas como a integração sensorial e a atenção dirigida, ao mesmo tempo que evidenciaram melhorias na motivação social e uma diminuição na falta de atenção (Nogueira, 2015). Indivíduos com dificuldades de linguagem beneficiaram igualmente desta terapia, desenvolvendo exercícios fonoaudiológicos ao tentar nomear o cão (Lampert, 2014).

Também são conseguidos benefícios comportamentais através do cão. Os resultados de estudos de doentes diagnosticados com demência e a presença de cães revelaram que esta população diminui comportamentos de agitação, apatia, irritabilidade, evitação, necessidades de medicação e aumenta o bem-estar (Nogueira, 2015). Também em situações de depressão ou síndromes de pânico, o indivíduo torna-se obcecado, pelo que a presença de um animal em contexto terapêutico desviou o foco de atenção da doença (Oliveira, 2007).

Não menos importantes são os benefícios educacionais possibilitados pelo cão. Oliveira (2007) afirmou que as crianças, quando recebem cães nas escolas, ficam mais tranquilas e mais participativas, ao passo que as crianças com dificuldades de aprendizagem ficam mais atentas e com respostas mais voluntárias que anteriormente. Pesquisas científicas evidenciaram também que o processo de leitura pode ser desenvolvido com o auxílio de um cão, uma vez que não há constrangimentos em ler em voz alta para o animal, visto que este não vai criticar ou corrigir (Dotti, 2005), sentindo-se as crianças mais confortáveis. Deste modo, a aprendizagem efetivada através do animal pode contribuir para a formação e o aperfeiçoamento das crianças, tornando-as mais preocupadas e conscientes das atitudes de respeito, responsabilidade e preservação da vida de todos os seres vivos e meio ambiente (Dotti, 2005). O mesmo autor destaca ainda que a cinoterapia é um apoio para os psicólogos educacionais, uma vez que é maior a probabilidade de uma criança exteriorizar as suas

dificuldades ou problemas quando o cão está presente ou até mesmo se a criança souber que o terapeuta possui um cão (Dotti, 2005), tornando assim emergente a relação entre a cinoterapia e a Psicologia da Educação.

### **1.3 Psicologia da Educação**

A Psicologia da Educação pode ser considerada uma disciplina fundamental e independente, com um domínio próprio - o processo educativo, que tem em conta as dimensões do desenvolvimento psicológico do indivíduo (cognitivo, afetivo e relacional) e os processos de ensino e de aprendizagem. Assim entendida, a Psicologia da Educação constitui-se como uma ponte entre a Psicologia e a Educação (Veiga, 2013).

Esta disciplina foca-se na análise dos problemas quotidianos da Educação à luz da Psicologia, derivando modelos, métodos e práticas de ensino (Madrugal, 2009). Para tal, atua ao nível dos processos de ensino e de aprendizagem dos indivíduos, bem como do desenvolvimento da comunidade educativa (Reynolds, 2011).

É função da Psicologia da Educação: a) o aconselhamento, uma relação confidencial e personalizada, individual ou em grupo, que ajuda o indivíduo a resolver, reagir, superar determinados problemas, dificuldades ou limitações; b) a orientação, processo individual ou grupal, que promove o desenvolvimento progressivo de planos e projetos pessoais de carreira ao longo da vida; c) a consultadoria, uma atividade ao serviço da comunidade escolar que visa planear e concretizar estratégias de ajuda aos alunos, tendo como objetivo o sucesso escolar e a qualidade na aprendizagem; e d) a coordenação, um processo de liderança de equipas e instituições, tendo em vista a organização, manutenção e avaliação de programas de intervenção psicológica em diferentes contextos educativos (Reynolds, 2011).

Com efeito, a Psicologia é cada vez mais uma parte integrante da Educação, contribuindo para o sucesso escolar dos indivíduos (Carvalho, 2008).

### **1.3.1 Psicologia da Educação e Cinoterapia**

O produto da investigação científica em Psicologia da Educação tem sido, nos últimos tempos, tanto e tão valioso que demanda novas estruturas de ensino e aprendizagem, no sentido de as atualizar, aprofundar e especializar (Veiga, 2013).

Atualmente, a perspectiva sociocultural assume cada vez mais um papel de referência na educação. Diversos fatores, tais como a aceitação, cada vez mais generalizada, de uma visão dos processos escolares de ensino e de aprendizagem baseada nas teorias socioconstrutivistas, justificam-na. Para estas teorias, “a aprendizagem é concebida como um processo de construção, com um carácter intrinsecamente social, interpessoal e comunicativo, e o ensino como um processo complexo de estruturação e orientação, mediante diversos apoios e suportes, dessa construção” (Gaitas & Morgado, 2010).

Para o progresso da perspectiva socioconstrutivista muito contribuiu Vygotsky. De acordo com este autor, a aprendizagem é um processo interativo em que alguém mais competente que o indivíduo o apoia e orienta na organização das ferramentas psicológicas, pois é no acesso a estas ferramentas psicológicas desenvolvidas pela cultura que reside o progresso intelectual do ser humano. Como tal, uma tutoria sistemática é essencial para o desenvolvimento de um indivíduo autónomo (Lourenço, 2013).

Mais tarde, Bruner acrescentou à perspectiva socioconstrutivista a ideia de que um desenvolvimento cognitivo adequado se processa mediante a exposição a uma vasta gama de estímulos do meio, contribuindo para a evolução intelectual do ser humano (Sprinthall & Sprinthall, 1993).

Tal como outras intervenções assistidas por animais, a cinoterapia pode relacionar-se com a educação sob a perspectiva socioconstrutivista, pois de acordo com Silva (2011): a) o cão é um elo de ligação entre a aprendizagem e o educando, proporcionando uma conciliação das diferentes áreas do saber; b) o cão vai ao encontro da formação do educando, permitindo

a construção de atitudes de respeito, responsabilidade e preservação da vida dos seres vivos e meio ambiente; c) o cão funciona como apoio constante, oferecendo consolo e aceitação incondicional; d) o cão satisfaz a curiosidade, proporciona satisfação e insere mais facilmente no currículo escolar os temas transversais, facilitando a aprendizagem de conteúdos procedimentais e atitudinais e e) o cão representa um fator de motivação para a aprendizagem e fortalece a autoconfiança, a socialização, a comunicação e os valores da cidadania.

Neste sentido, a Psicologia da Educação, que se pode definir como um trabalho em comunidade, articulado com diferentes agentes, depara-se agora com o desafio de poder contribuir para a conceptualização, adequação e eficácia da educação dos indivíduos (Gaitas & Morgado, 2010), com a possibilidade de coadjuvação da cinoterapia.

#### **1.4 Importância das Expectativas**

Quer abraçada à educação, quer abraçada à saúde, a cinoterapia envolve expectativas. As expectativas acerca de uma terapia podem definir-se como crenças antecipatórias que são levadas para o processo terapêutico. Estas crenças podem estar relacionadas com os procedimentos, os resultados, os intervenientes ou qualquer outra característica da intervenção (Batista, 2010), arriscando influenciá-la. Goldstein (1962, citado por Miguel, 2011) refere a existência de dois tipos de expectativas, relevantes para o estudo deste fator em terapia. O primeiro tipo, denominado expectativas de resultados, diz respeito à avaliação da probabilidade de a intervenção terapêutica ser bem-sucedida. Por sua vez, o segundo tipo, denominado expectativas de papel, refere-se às crenças que o indivíduo tem em relação aos comportamentos manifestos, tanto por parte do próprio indivíduo como do terapeuta.

Como referido anteriormente, as expectativas são um fator que se pensa ter influência tanto no processo como nos resultados terapêuticos (Miguel, 2011), podendo alterar o rumo de uma intervenção terapêutica, tornando o seu estudo um objeto de extrema importância.

Deste modo, a presente investigação pretende conhecer as expectativas de resultados de profissionais que praticam cinoterapia. Para tal, foi desenvolvido um estudo de natureza qualitativa, que utilizou a análise de conteúdo dos dados fornecidos pelos participantes para apurar os resultados.

## **Capítulo 2 – Método**

### **2.1 Objetivo**

Baseada no enquadramento teórico precedente, a presente investigação apresenta como objetivo geral o conhecimento das expectativas de profissionais de cinoterapia face à eficácia dessa intervenção educacional. Neste sentido, surgem enquanto questões de investigação:

- o cão enquanto facilitador da mudança humana, isto é, consegue o cão promover mudanças no ser humano?
- o cão enquanto facilitador educacional, isto é, consegue o cão promover a educação do ser humano?

### **2.2 Tipo de Investigação**

De acordo com o objetivo a que se propõe, esta investigação é de natureza qualitativa. Investigações qualitativas lidam com valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (Serapioni, 2000) e visam a construção do conhecimento e a compreensão da experiência humana (Batista, 2010). Assim, este método apresenta-se como o mais adequado para o presente estudo, visto que se pretendem conhecer as expectativas individuais de profissionais de cinoterapia, tratando-se, pois, de um objeto de natureza qualitativa.

### **2.3 Participantes**

Numa investigação de natureza qualitativa procura-se a representatividade social e não a representatividade estatística, ou seja, procura-se uma pequena dimensão de indivíduos socialmente significativos e não uma imensidade de indivíduos estatisticamente representativos (Batista, 2010). Deste modo, conforme o tipo de investigação escolhido, os participantes são profissionais da área da educação e da saúde, com formação e aplicação em intervenção assistida por animais, que praticam a sua profissão no distrito de Lisboa.



Inicialmente previa-se unicamente a participação de profissionais da área da educação, porém, dado o seu reduzido número, alargou-se a investigação a profissionais da área da saúde, de modo a garantir a representatividade social da amostra. A opção pelo distrito Lisboa deveu-se ao facto de convergir nesta região um maior número de instituições que praticam intervenção assistida por animais, em comparação com outras regiões portuguesas.

A primeira participante (P1) é terapeuta ocupacional. Formou-se em intervenção assistida por animais através da *Associació Positivas Can*, uma entidade espanhola que tem a missão de melhorar a qualidade de vida humana e canina. Na instituição onde exerce atividades profissionais, a participante concilia conhecimentos de Terapia Ocupacional e de intervenções assistidas por animais, organizando e estruturando atividades, de forma a obter a interação dos indivíduos que assiste.

A segunda participante (P2) é terapeuta da fala. Formou-se em intervenção assistida por animais através da *Fundación Bocalan*, uma entidade espanhola que se dedica não só à conduta animal, mas também à formação de profissionais de treino canino. De modo independente, a participante concilia conhecimentos de Terapia da Fala e de intervenções assistidas por animais de forma a obter a motivação dos indivíduos que acompanha.

A terceira participante (P3) é também terapeuta ocupacional. Formou-se em intervenção assistida por animais igualmente através da *Fundación Bocalan*. Nas instituições onde exerce atividades profissionais, a participante utiliza o animal como um facilitador.

A quarta participante (P4) é formada em Psicologia Forense e Exclusão Social. A sua instrução em intervenção assistida por animais, obtida igualmente através da *Associació Positivas Can*, permite-lhe atuar não só como técnica de intervenção assistida por animais, mas também como formadora do Curso de Formação Profissional de Tratadores de Cães, função que desempenha atualmente na instituição onde colabora.

A quinta participante (P5) é formada em Psicopedagogia. A sua instrução em intervenção assistida por animais, obtida igualmente através da *Associació Positives Can*, e a sua especialização em intervenção assistida por animais, obtida através do CTAC - *Centre de Teràpies Assistides amb Cans*, uma entidade catalã que objetiva melhorar a qualidade de vida humana por meio da interação com cães e formar novos profissionais para que cada vez mais indivíduos possam beneficiar desta interação, permite-lhe atuar não só como especialista de intervenções assistidas por animais mas também como formadora do Curso de Formação Profissional de Tratadores de Cães, função que desempenha atualmente na instituição onde colabora.

Perfazendo cinco participantes, fortuitamente todos do sexo feminino, foram recrutados numa primeira fase a partir de amostragem de voluntários e numa segunda fase a partir de amostragem por bola-de-neve. Contactados via *email*, houve a oportunidade de explicar, de modo detalhado, o objetivo do estudo e a pretensão do contacto, a partir de um pedido de colaboração (Apêndice A), e de agendar uma entrevista semiestruturada presencial, em momento e local de acordo com a disponibilidade dos participantes e da investigadora.

## **2.4 Instrumento**

A entrevista foi o instrumento eleito para a presente investigação, uma vez que possibilita a captação imediata e corrente da informação desejada (Silva, 2011).

Dentre os vários formatos de entrevista, optou-se pela entrevista semiestruturada, que permite uma cobertura mais profunda sobre determinados assuntos, ao passo que favorece respostas espontâneas (Miranda, 2009).

A entrevista semiestruturada utilizada, que se encontra no Apêndice B, foi construída com base na literatura atual e no instrumento usado no estudo de Dias (2014), o qual objetivava mostrar os efeitos da equitação psicoeducacional em crianças e adolescentes com

perturbações do espectro do autismo a nível familiar e escolar. Inaugura-se com a legitimação da própria entrevista, onde é explicitado o objetivo do estudo, e a motivação do participante, momento em que é pedida a sua colaboração, salientando a importância da sua opinião, assegurada a confidencialidade das informações prestadas e solicitada autorização para gravação áudio. Esta fase socorre-se do Pedido de Colaboração e do Termo de Consentimento Informado (Apêndice C). Segue-se o estabelecimento de uma relação de confiança, empatia e segurança com o participante, onde se explora a sua área de formação académica, assim como a função exercida na instituição onde colabora, perlustrando ainda a vertente da intervenção assistida por animais, particularmente a entidade responsável pela sua formação. Sucede-se a entrevista acerca das questões relevantes para a investigação, designadamente: a) a que população-alvo se destina a cinoterapia na instituição; b) é o diagnóstico ou são as características pessoais dos indivíduos que usufruem da cinoterapia que fazem depender a escolha do animal terapêutico; c) a escolha do animal terapêutico influencia a sessão e/ou intervenção terapêutica; d) que outros animais são “terapeutas” na instituição; e) os resultados esperados dependem ou não do diagnóstico dos indivíduos que usufruem da cinoterapia; f) que resultados são esperados com a prática de cinoterapia; g) que mudanças são observadas nos indivíduos com a prática de cinoterapia; h) quais são os benefícios da prática de cinoterapia; e i) em âmbito educacional, se a prática de cinoterapia é ou não eficaz. Após o questionamento, é dado ao participante a hipótese de acrescentar informação que considere relevante para a entrevista. Encerra, por fim, com a informação ao participante dos procedimentos que se seguem, bem como da disponibilização dos resultados globais da investigação caso ele os pretenda, e do agradecimento pela sua colaboração.

Este instrumento não explora, portanto, a identificação pessoal do participante, garantindo a sua integridade e a integridade da instituição onde este exerce atividades profissionais.

## **2.5 Procedimento de Recolha de Dados**

Para obter a amostra de participantes, primeiramente, recorreu-se à amostragem de voluntários. Por meio de contacto eletrónico, foram contactadas instituições cuja página eletrónica dava conta da prática de intervenção assistida por animais. Através desse contacto eletrónico, as instituições foram informadas do objetivo do estudo e da pretensão do contacto, tendo como tarefa a resposta a esse contacto caso houvesse profissionais interessados em colaborar voluntariamente no estudo. Foram obtidas duas respostas positivas, com as quais foi desenvolvida uma conversação, mais uma vez por contacto eletrónico, a fim de agendar a entrevista presencial. Esta entrevista presencial decorreu em momento e local oportuno para participantes e investigadora. Inaugurou-se com uma breve introdução, sucedendo-se a entrevista propriamente dita, com uma duração média de 45 minutos. Os dados recolhidos por meio desta entrevista foram registados em formato áudio e mantidos confidenciais, sendo futuramente destruídos aquando da finalização da investigação. Para garantir o conhecimento do procedimento por parte dos participantes, os mesmos preencheram um termo de consentimento informado.

Por meio das entrevistas iniciais, para aumentar a amostra de participantes, recorreu-se à amostragem por bola-de-neve. Depois o procedimento original repetiu-se.

## **2.6 Procedimento de Análise de Dados**

Concluídas as entrevistas, foram transcritas integralmente (Apêndices D, E, F, G e H).

Seguiu-se a análise de conteúdo. A análise de conteúdo diz respeito a “um conjunto de técnicas de análise de comunicações, visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (Bardin, 2009).

A análise inaugurou-se com a organização. Nesta fase foi definido o *corpus* da análise, ou seja, o universo de documentos a analisar, constituído pelas cinco entrevistas efetivadas. Seguiu-se uma leitura flutuante dos dados obtidos por meio dessas entrevistas, que permitiu um levantamento inicial de hipóteses de categorização.

A análise prosseguiu com a codificação. A codificação é um processo através do qual os dados são transformados e agregados em unidades (Bardin, 2009). Deste modo, consideraram-se unidades de registo, isto é, o segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, as frases mais representativas proferidas pelos participantes em resposta a cada uma das questões relevantes para a investigação, presentes no guião de entrevista e descritas em 2.4.

A análise continuou com a categorização, uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento sob um título genérico, em razão das características comuns dos elementos (Bardin, 2009). As categorias iniciais emergiram a partir das questões relevantes para a investigação, presentes no guião de entrevista e descritas em 2.4. O quadro 1 ilustra a emergência das categorias iniciais a partir das questões relevantes para a investigação.

Quadro 1

*Emergência das categorias iniciais*

<b>Questões</b>	<b>Categorias Iniciais</b>
População-alvo da cinoterapia na instituição	População-alvo da cinoterapia
É o diagnóstico ou são as características pessoais que fazem depender a escolha do animal?	Prática da cinoterapia

A escolha do animal influencia a intervenção terapêutica?	
Que outros animais são “terapeutas” na instituição?	
Os resultados esperados dependem do diagnóstico?	Expectativas acerca da cinoterapia
Que resultados são esperados com a prática de cinoterapia?	
Que mudanças são observadas com a prática de cinoterapia?	Perceção de mudança relativa à cinoterapia
Quais são os benefícios da prática de cinoterapia?	Benefícios da cinoterapia
Em âmbito educacional, a prática de cinoterapia é eficaz?	Perceção de eficácia da cinoterapia

De modo a refinar a análise dos dados, as categorias iniciais foram desmembradas em categorias intermédias, as quais foram pautadas não só pelas informações enunciadas pelos participantes, mas também pelo enquadramento teórico desta investigação. O quadro 2 ilustra o desmembramento das categorias iniciais em categorias intermédias.

## Quadro 2

### *Desmembramento das categorias iniciais em categorias intermédias*

<b>Categorias Iniciais</b>	<b>Categorias Intermédias</b>
População-alvo da cinoterapia	Crianças e jovens (<18)
	Adultos (≥18)

Prática da cinoterapia	Escolha do animal
Expectativas acerca da cinoterapia	Expectativas de resultados
	Expectativas de papel
Perceção de mudança relativa à cinoterapia	Condição clínica
	Bem-estar
	Vida em geral
Benefícios da cinoterapia	Sociais
	Comportamentais
	Cognitivos
	Físicos
	Emocionais
	Educacionais
Perceção de eficácia da cinoterapia	Eficácia total
	Eficácia parcial

As categorias intermédias foram ainda desconjuntadas em categoriais finais, as quais possibilitaram o aprofundamento das interpretações e a inferência dos resultados, representando a síntese das significações obtidas por meio das entrevistas aos participantes da investigação. O quadro 3 ilustra a desconjunção das categorias intermédias em categorias finais.

### Quadro 3

#### *Desconjunção das categorias intermédias em categorias finais*

<b>Categorias Intermédias</b>	<b>Categorias Finais</b>
-------------------------------	--------------------------

Crianças e jovens (<18)	Crianças e jovens com perturbação da comunicação
	Crianças e jovens com autismo
	Crianças e jovens com perturbação específica da aprendizagem
	Crianças e jovens com atraso global do desenvolvimento
	Crianças e jovens com problemas articulatórios/fonológicos
	Crianças e jovens com dislexia
	Crianças e jovens com dificuldades nas competências socioemocionais
Adultos (≥18)	Adultos com deficiência intelectual
	Adultos com paralisia cerebral
	Adultos com autismo
	Adultos com síndromes diversificadas
	Adultos com alzheimer
	Adultos com multideficiências
Escolha do animal	Escolha do animal consoante as atividades a desenvolver
	Escolha do animal consoante o bem-estar animal
	Escolha do animal consoante as características pessoais



	Escolha do animal consoante as características animais
Expectativas de resultados	Espera-se facilitação de resultados
	Espera-se bem-estar
Expectativas de papel	Espera-se interação
	Espera-se motivação
Condição clínica	Percebem-se melhorias
Bem-estar	Percebe-se bem-estar
Vida em geral	Percebem-se mudanças gerais
Sociais	Vantagens a nível social
Comportamentais	Vantagens a nível comportamental
Cognitivos	Vantagens a nível cognitivo
Físicos	Vantagens a nível físico
Emocionais	Vantagens a nível emocional
Educacionais	Vantagens a nível educacional
Eficácia total	Cinoterapia é eficaz
Eficácia parcial	Cinoterapia é parcialmente eficaz

O quadro inserido no Apêndice I sintetiza o procedimento de análise de dados.

No capítulo procedente apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos neste estudo, com base no sistema de categorias utilizado.

## Capítulo 3 – Resultados

### 3.1 Resultados Obtidos

A primeira categoria inicial, “População-alvo da cinoterapia”, emergiu da primeira questão relevante para a investigação, a qual tinha a pretensão de saber a que população-alvo se destinava a cinoterapia na instituição onde colaborava o participante. As respostas fornecidas pelos participantes, tais como “Crianças, essencialmente entre os dois e os seis anos, ou seja, intervenção precoce, mas também trabalho com crianças maiores, ou seja, vai até 12, 13 anos, tenho também crianças com essa idade.” (P2) ou “Trabalho com uma jovem com 18 anos, portanto a idade mais nova é essa (...) e depois vai até aos 50 e tal, até à idade do mais velho.” (P3), deram origem a duas categorias intermédias, “Crianças e jovens (<18)” e “Adultos ( $\geq 18$ )”, que por sua vez originaram as categorias finais: “Crianças e jovens com perturbação da comunicação”, “Crianças e jovens com autismo”, “Crianças e jovens com perturbação específica da aprendizagem”, “Crianças e jovens com atraso global do desenvolvimento”, “Crianças e jovens com problemas articulatórios/fonológicos”, “Crianças e jovens com dislexia”, “Crianças e jovens com dificuldades nas competências socioemocionais”, “Adultos com deficiência intelectual”, “Adultos com paralisia cerebral”, “Adultos com autismo”, “Adultos com síndromes diversificadas”, “Adultos com alzheimer” e “Adultos com multideficiências”, baseadas igualmente nas respostas fornecidas pelos participantes, tais como “Temos como diagnóstico perturbação da comunicação e da relação, temos autismo, tenho crianças com dificuldades da leitura e da escrita, atrasos no desenvolvimento da linguagem, atraso no desenvolvimento global, há uns só com problemas articulatórios ou fonológicos.... Maioritariamente são esses. E dislexias também.” (P2), “E não foi tanto pela parte da leitura, (...); o que trabalhámos com ele foi essencialmente a integração social. Trabalhámos também muito a questão da frustração, ele não tinha qualquer tipo de tolerância à frustração. (...) O que nós fazíamos era fluência e precisão da leitura, e

dentro disto eram avaliados os erros de precisão, os erros da pausa, erros de entoação, índice de precisão leitora e índice de fluência leitora. Esta intervenção foi só na base da leitura.”

(P5) ou “Também me desloco com o cão aqui próximo, a uma instituição que faz parte da Associação Alzheimer Portugal, com doentes de Alzheimer (...). Nós aqui temos multideficiências, a nível motor, a nível sensorial, a nível intelectual, (...) mas a grande maioria ou tem trissomia 21, paralisias cerebrais, autismo, asperger ou algumas síndromes mais raras, como esclerose tuberosa.” (P3).

A segunda categoria inicial, “Prática da cinoterapia”, que deu origem à categoria intermédia “Escolha do animal”, emergiu da segunda, terceira e quarta questão relevantes para a investigação, as quais tinham a pretensão de saber se era o diagnóstico ou as características pessoais dos indivíduos que usufruíam da cinoterapia que faziam depender a escolha do animal terapêutico, se essa escolha influenciava a sessão e/ou a intervenção terapêutica e que outros animais eram “terapeutas” na instituição onde o participante colaborava. As respostas “Portanto é escolhido o cão consoante aquilo que queremos trabalhar (...)” (P5), “Para não ser muito cansativo, é tentar de manhã levar um e à tarde levar outro porque o cão fica cansado.” (P2), “Portanto o cão é escolhido de acordo sim com as características.” (P3) ou “Quando eu tenho um grupo, porque eu trabalho muito em grupo também, é evidente que vou apanhar de tudo, aí eu trago vários cães.” (P3) despontaram, respetivamente, as categorias finais “Escolha do animal consoante as atividades a desenvolver”, “Escolha do animal consoante o bem-estar animal”, “Escolha do animal consoante as características animais” e “Escolha do animal consoante as características pessoais”.

A terceira categoria inicial, “Expectativas acerca da cinoterapia”, emergiu da quinta e sexta questão relevantes para a investigação, as quais tinham a pretensão de saber se os resultados esperados dependiam do diagnóstico dos indivíduos que usufruíam da cinoterapia

e que resultados eram então esperados com a prática de cinoterapia. A literatura fez despontar duas categorias intermédias, “Expectativas de resultados” e “Expectativas de papel”. A categoria intermédia “Expectativas de resultados” deu origem à categoria final “Espera-se facilitação de resultados”, de acordo com a resposta “A expectativa aqui é que o cão ajude na relação com a criança, ajude a chegar até elas, que por vezes não é fácil; é um veículo para chegar até elas, tornando as sessões mais divertidas, mais giras, com mais motivação e que se consiga chegar mais facilmente aos resultados.” (P2), e à categoria final “Espera-se bem-estar”, de acordo com a resposta “Primeiro eu tenho um objetivo geral para todos. O que eu pretendo é aumentar o bem-estar, seja o que isso for para aquela pessoa, seja um momento de alegria, seja um momento de relaxamento, seja o que for para aquela pessoa, e no fundo contribuir para um grande objetivo que nós temos aqui que é a qualidade de vida de cada um.” (P3). A categoria intermédia “Expectativas de papel” deu origem à categoria final “Espera-se interação”, de acordo com a resposta “Depois tendo em conta a nossa população, (...) é tentar que eles interajam de alguma forma com o cão, desde o estabelecimento do contacto visual, ao tentar dar uma festinha ao cão, aproximar do cão, entrar em contacto com o cão, reagir à lambidela do cão, tentar no fundo que eles expressem algo que nós consigamos perceber que é importante para eles, que sentem prazer em estar com o cão.” (P1), e à categoria final “Espera-se motivação”, de acordo com a resposta “Eu acho que, acima de tudo, no meu ver, uma maior motivação deles, porque aí acho que era a parte onde eles iriam tirar maior proveito disto.” (P4).

A quarta categoria inicial, “Perceção de mudança relativa à cinoterapia”, emergiu da sétima questão relevante para a investigação, a qual tinha a pretensão de saber que mudanças eram observadas com a prática de cinoterapia. As respostas fornecidas pelos participantes, tais como “Podemos ver aqui [Resultados do Questionário de Avaliação do Projeto Ler e CÃOpender], isto é uma avaliação inicial e isto é uma avaliação final, ou seja, há em todos

eles uma melhoria (...).” (P5), “(...) nos mais dependentes a evolução que se vê é de facto o bem-estar quando eles estão com o cão e o sentimento de alegria.” (P1) e “E depois temos constatado que de facto eles têm aderido e manifestado expressões e sensações que de outra forma não o fazem, porque é um grupo de facto com muitas limitações e quando, por exemplo, me veem e dizem “olha a mulher do cão!” ou na sala dizem “cão, cão”, já é um grande ganho saber que eles associam, têm aquela atividade quando aparece o cão ou sorriem.” (P1), deram origem às categorias intermédias, respetivamente, “Condição clínica”, “Bem-estar” e “Vida em geral”, que por sua vez originaram as categorias finais “Percebem-se melhorias”, “Percebe-se bem-estar” e “Percebem-se mudanças gerais”.

A quinta categoria inicial, “Benefícios da cinoterapia”, emergiu da oitava questão relevante para a investigação, a qual tinha a pretensão de saber quais eram os benefícios da prática de cinoterapia. Fundamentadas na literatura, surgiram as categorias intermédias, “Sociais”, “Comportamentais”, “Cognitivos”, “Físicos”, “Emocionais” e “Educacionais”, que por sua vez deram origem às categorias finais, “Vantagens a nível social”, “Vantagens a nível comportamental”, “Vantagens a nível cognitivo”, “Vantagens a nível físico”, “Vantagens a nível emocional” e “Vantagens a nível educacional”, indo ao encontro de respostas dos participantes tais como “Nós conseguimos muito mais rápido porque eles querem estar com o cão, eles querem mostrar o cão (...).” (P5), “Elas tendem a ficar mais verbais.” (P2), “Mesmo até em termos de memória.... Utilizo também muito até para eles se lembrarem do nome dos cães, o que é que fizeram antes, os cães que já não temos, mas com quem eles trabalharam...” (P3), “Um dos mais autónomos, por exemplo, a mãe referia que ele tinha muito medo de cães porque os vizinhos têm vários cães e era um problema para ele subir o elevador com os cães, etc., mas quiseram experimentar e de facto neste momento ele já entra em qualquer espaço com cães, já procura o cão espontaneamente; claro que ainda se assusta quando há muita energia, mas já sabe que não é um perigo.” (P1), “Primeiro que tudo, porque começamos com

motivação. Se as crianças não tiverem motivação, é muito complicado tirar alguma coisa delas, e através do cão conseguimos não só trabalhar os nossos objetivos como também chegar a outro tipo de objetivos.” (P2) ou “A diferença entre esta terapia e as terapias convencionais é que esta tem resultados muito mais rápidos. Se a criança tiver a motivação para estar com o animal (...), aqui nós num mês conseguimos ver, em alguns casos, algum resultado.” (P5).

A sexta categoria inicial, “Perceção de eficácia da cinoterapia”, emergiu da nona questão relevante para a investigação, a qual tinha a pretensão de saber se, em âmbito educacional, a cinoterapia era eficaz. De acordo com as respostas proferidas pelos participantes, tais como “É. Mesmo para crianças que não tenham qualquer tipo de incapacidade, é sempre uma motivação para elas aprenderem, é sempre algo que é diferente, que não é uma coisa tão formal, e é muito mais fácil nós aprendermos com a parte lúdica. E isto é extremamente eficaz! E resolveria muitos dos problemas que nós temos nas escolas...” (P5), originou-se a categoria intermédia “Eficácia total”, que deu origem à categoria final “Cinoterapia é eficaz”. De acordo com a resposta “Eu acho que é, apesar de cada caso ser um caso. Porque o cão é um estímulo tão rico, que eu acho que se nós pesarmos, de facto, em relação a outro tipo de terapias, a outro tipo de intervenções, tem a vantagem de ser uma coisa que abrange imensa coisa! Portanto é um estímulo visual, auditivo, a todos os níveis! Por ser tão rico, e por ser um ser vivo, tem essa vantagem sobre outro tipo de intervenções. É sem dúvida nenhuma eficaz. Agora é uma eficácia diferente para cada um. Eu também não concordo com a ideia de que como é uma forma de intervenção relativamente recente no país, que é quase uma coisa milagrosa, que resolve tudo... Não é, não é essa nem é nenhuma! Se for bem-feita pode ser muito boa para alguns, não é para todos, nem para todas as situações. Agora não é nada mágico.” (P3) originou-se a categoria intermédia “Eficácia parcial”, que deu origem à categoria final “Cinoterapia é parcialmente eficaz”.

### 3.2 Discussão

A presente investigação propôs-se a conhecer as expectativas de profissionais da área da educação e da saúde, com formação e aplicação em intervenção assistida por animais, face à eficácia da cinoterapia. Estes profissionais da área da educação e da saúde perfizeram os cinco participantes do estudo, todos a realizar atividades profissionais no distrito de Lisboa.

A colaboração pedida aos participantes deste estudo consistia em participar numa entrevista semiestruturada presencial e individual, de modo voluntário e confidencial, registada em formato áudio, conduzida por um guião construído com base na literatura atual. As entrevistas decorreram em momento e lugar oportuno para participantes e investigadora, sendo posteriormente submetidas à técnica de análise de conteúdo.

Por meio da análise de conteúdo, apuraram-se as expectativas dos profissionais face à eficácia da cinoterapia, assim como se aprofundaram os saberes acerca desta intervenção educacional.

A cinoterapia é uma terapia devidamente acompanhada por profissionais da saúde, da educação ou das ciências humanas como psicólogos, terapeutas ocupacionais, enfermeiros, terapeutas da fala, fisioterapeutas ou professores, com formação especializada, que levam a cabo atividades de acordo com a sua área de formação (Delta Society, 2006), tornando válida a amostra de participantes desta investigação, constituída por dois terapeutas ocupacionais, um terapeuta da fala, um psicólogo e um psicopedagogo. Ainda de acordo com a mesma fonte, estes profissionais possuem uma formação especializada, o que se verificou igualmente na amostra de participantes, uma vez que os cinco tinham formação em intervenção assistida por animais. Desta forma, é possível afirmar que todo o profissional da área da educação, da saúde ou das ciências humanas, com gosto por animais, se pode tornar técnico de intervenção assistida por animais, bastando para tal uma formação especializada.

A cinoterapia, por se basear nos benefícios da relação homem-animal, trata-se de uma terapia adjuvante em diversas situações clínicas (Silva, 2014), tanto com crianças, adultos ou idosos. Esta investigação empírica verificou que esta terapia compreende principalmente crianças, jovens e adultos, em detrimento de idosos, que não foram referidos ao longo da recolha de dados, o que suscita a ideia de que, apesar das informações veiculadas pelo enquadramento teórico, esta é uma prática parcamente utilizada com população mais velha. No que diz respeito às situações clínicas, os resultados mostram que a cinoterapia pode abranger perturbações da comunicação, autismo, perturbações específicas da aprendizagem, atrasos globais do desenvolvimento, problemas articulatorios/fonológicos, dislexia, dificuldades nas competências socioemocionais, assim como deficiências intelectuais, paralisia cerebral, diversas síndromes, alzheimer e multideficiências.

Aprofundando os saberes acerca da cinoterapia, esta investigação revelou que todos os cinoterapeutas sondados dispõem de mais do que um cão para praticar a terapia. Como tal, no momento da escolha do animal terapêutico são ponderadas as atividades que vão ser desenvolvidas, o bem-estar animal, as características pessoais dos indivíduos que usufruem da terapia ou as características animais, sob pena de influenciar a sessão terapêutica.

Por se tratar de um processo terapêutico que pode abarcar diversas idades e situações clínicas, é imprescindível que o cão, seja ele de que raça for, cumpra os critérios específicos elencados pela *Delta Society*. Porque, ao contrário do que se pensa, “não tem a ver com a raça dos cães” (P5), visto que “cada cão é um cão, não é uma raça” (P5). Deste modo, é possível afirmar que qualquer cão que cumpra os critérios específicos elencados pela *Delta Society* pode ser um cão de terapia.

Quando se investigaram as expectativas que os cinoterapeutas levavam para a terapia, apuraram-se dois tipos, corroborando Miguel (2011): expectativas de resultados e expectativas de papel. No que toca às expectativas de resultados, os cinoterapeutas esperam o



bem-estar dos indivíduos que usufruem da cinoterapia e a facilitação dos resultados objetivados com a prática profissional, isto é, de acordo com a área profissional em que os cinoterapeutas atuam, são propostos certos objetivos, que se esperam alcançar mais facilmente tendo o cão como coterapeuta. No que toca às expectativas de papel, os cinoterapeutas esperam a criação de uma interação entre o cão e os indivíduos que usufruem da cinoterapia, assim como uma maior motivação dos últimos para alcançar os objetivos propostos. De certa maneira, nesta investigação, as expectativas de papel funcionam como um primeiro passo que é dado em direção às expectativas de resultados, pois, vejamos, ao esperar uma mera interação entre o cão e o indivíduo que usufrui da cinoterapia, espera-se iminentemente o bem-estar, ao passo que ao esperar uma maior motivação do indivíduo que usufrui da cinoterapia, espera-se que atinja mais facilmente os resultados. Entre expectativas de resultados e expectativas de papel, todas são passíveis de concretização, a curto ou longo prazo, tendo sido evidentes nos indivíduos que usufruem da terapia. Ainda a propósito das expectativas que os cinoterapeutas levavam para a terapia, apurou-se que estas eram independentes das situações clínicas dos indivíduos que usufruem da cinoterapia, uma vez que todos os participantes deste estudo revelaram ter um objetivo comum, o que pode significar que não é explorado o potencial desta intervenção em função da patologia.

Em relação às mudanças percebidas pelos profissionais de cinoterapia nos indivíduos que usufruem da mesma foram reveladas melhorias, isto é, mudanças que vão ao encontro dos objetivos terapêuticos propostos, comprovando Silva (2014) que afirma que o cão funciona como instrumento de facilitação do processo; bem-estar, transmitido através do “sentimento de alegria” (P1); e mudanças gerais, em que os indivíduos “têm manifestado expressões e sensações que de outra forma não o fazem” (P1). Por vezes, estas mudanças são de ordem espontânea, tornando o observado “melhor do que o esperado” (P4). Apesar de tudo, na maior parte dos casos, não há uma avaliação pré e pós-terapia, tornando estas

mudanças inconsistentes. Os participantes do estudo revelaram ainda que, por vezes, não ocorrem mudanças, mas são situações excecionais.

No que diz respeito aos benefícios da cinoterapia, a investigação empírica apurou benefícios de ordem social, comportamental, cognitiva, física, emocional e educacional, corroborando o enquadramento teórico deste estudo. Como benefício social, exemplifica-se o facto de os indivíduos que usufruem da cinoterapia quererem “mostrar o cão” (P5), interagindo não só com o animal, mas também com os seus semelhantes, comprovando Carlisle (2015) que destaca o efeito catalisador que os animais provocam ao facilitar a interação social. Como benefício comportamental, exemplifica-se o facto de os indivíduos que usufruem da cinoterapia se tornarem “mais verbais” (P2). Como benefício cognitivo, exemplifica-se o trabalho realizado em termos de memória, em que um dos participantes do estudo referiu utilizar o cão “para eles se lembrarem do nome dos cães, o que é que fizeram antes, os cães que já não temos, mas com quem eles trabalharam...” (P3). Como benefício físico, exemplifica-se a situação de um indivíduo que “tinha muito medo de cães porque os vizinhos têm vários cães e era um problema para ele subir o elevador com os cães, etc., mas quiseram experimentar e de facto neste momento ele já entra em qualquer espaço com cães, já procura o cão espontaneamente” (P1). Como benefício emocional, exemplifica-se a motivação que o cão transfere para os indivíduos, permitindo “não só trabalhar os nossos objetivos como também chegar a outro tipo de objetivos.” (P2). Como benefício educacional, exemplificam-se os resultados mais acelerados que os indivíduos que usufruem da cinoterapia demonstram em tarefas de leitura e escrita, testemunhando Dotti (2005) que declara que o processo de leitura pode ser desenvolvido com o auxílio de um cão, uma vez que não há constrangimentos em ler em voz alta para o animal e Becker e Morton (2003) que afirmam que a assiduidade do convívio entre crianças e animais tem como consequência para as crianças um melhor rendimento escolar. Segundo os dados recolhidos, estes benefícios são

notados sempre que os indivíduos que usufruem da terapia aceitam o cão como coterapeuta, o que por vezes não acontece, quer seja por medo, pelas alergias ou por não quererem simplesmente.

Relativamente à eficácia desta terapia em âmbito educacional, percebida pelos profissionais que a praticam, foi referenciada como eficaz ou parcialmente eficaz. Quem compreendeu a cinoterapia como totalmente eficaz justificou: “Como trabalho com a parte da leitura e da escrita, acabo por trabalhar um bocadinho também na área da educação e também funciona muito bem!” (P2), “Normalmente tem uma afluência muito grande e de facto resulta os miúdos lerem para os cães. (...) tem tido resultados muito bons. É produtivo! É super motivador!” (P4) e “Mesmo para crianças que não tenham qualquer tipo de incapacidade, é sempre uma motivação para elas aprenderem, é sempre algo que é diferente, que não é uma coisa tão formal, e é muito mais fácil nós aprendermos com a parte lúdica. E isto é extremamente eficaz! E resolveria muitos dos problemas que nós temos nas escolas...” (P5). Quem compreendeu a cinoterapia como parcialmente eficaz justificou: “Eu acho que é, apesar de cada caso ser um caso. Porque o cão é um estímulo tão rico, que eu acho que se nós pesarmos, de facto, em relação a outro tipo de terapias, a outro tipo de intervenções, tem a vantagem de ser uma coisa que abrange imensa coisa! Portanto é um estímulo visual, auditivo, a todos os níveis! Por ser tão rico, e por ser um ser vivo, tem essa vantagem sobre outro tipo de intervenções. É sem dúvida nenhuma eficaz. Agora é uma eficácia diferente para cada um. Eu também não concordo com a ideia de que como é uma forma de intervenção relativamente recente no país, que é quase uma coisa milagrosa, que resolve tudo... Não é, não é essa nem é nenhuma! Se for bem-feita pode ser muito boa para alguns, não é para todos, nem para todas as situações. Agora não é nada mágico” (P3). Não houve, contudo, nenhuma referência à ausência de eficácia da cinoterapia, o que evidencia que esta é uma prática com potencial, inclusive em âmbito educacional, merecendo “ser explorada,

celebrada, protegida e expandida” (Becker & Morton, 2003) à luz da Psicologia da Educação, podendo contribuir para a conceptualização, adequação e eficácia da educação dos indivíduos.

## **Considerações Finais**

Tomando em consideração o objetivo a que se propunha – conhecer as expectativas de profissionais de cinoterapia face à eficácia dessa intervenção educacional, assim como as questões de investigação a que se propunha responder – o cão enquanto facilitador da mudança humana e o cão enquanto facilitador educacional, a presente investigação alcançou o seu propósito.

Foi possível verificar que os profissionais de cinoterapia admitem a eficácia dessa intervenção educacional, reconhecendo-lhe benefícios a nível social, comportamental, cognitivo, físico, emocional e educacional, indo ao encontro do enquadramento teórico que a fundamenta, tornando-a válida. O cão é então percebido como um meio eficiente para promover o desenvolvimento e a mudança humana, ao passo que facilita o processo educativo do ser humano.

Não obstante o potencial desta terapia, foram notadas lacunas no tema, que poderão servir para futuras investigações. No presente estudo, notou-se que não foram referidos idosos como usufrutuários desta terapia, ao contrário do que indicam os referenciais teóricos, questionando a adequabilidade da terapia para tal população. Também os objetivos propostos pelos cinoterapeutas podem barrar o desenvolvimento dos indivíduos que usufruem da terapia, visto que trabalham para certos objetivos quando tantos mais podiam ser trabalhados. Embora tais objetivos sejam concretizáveis, seria importante que existisse uma metodologia rigorosa para a intervenção terapêutica, ao passo que seria igualmente importante uma metodologia e aplicabilidade da intervenção em função das diversas patologias abrangidas, explorando todo o potencial da relação homem-animal. Mais ainda, apesar das mudanças percebidas nos usufrutuários da terapia, salienta-se a inexistência de qualquer tipo de avaliação pré e pós-terapia que as autenticasse, questionando a constância e a veracidade das mesmas.

Também a presente investigação apresenta lacunas. Salienta-se primeiro que tudo o tamanho da amostra, que cumpre o número mínimo de participantes para uma investigação científica, mas limita a exploração do tema e a generalização dos resultados. O diminuto tamanho da amostra deste estudo é proporcional ao diminuto número de técnicos em intervenção assistida por animais no distrito de Lisboa, pelo que o seu contorno passaria por um estudo a nível nacional. Depois surgem as possíveis distorções e enviesamentos das respostas fornecidas pelos participantes nas entrevistas semiestruturadas presenciais, associadas à desejabilidade social. Como contorno deste aspeto, sugere-se o recurso a metodologias complementares, como questionários ou observação participada, em estudos futuros.

Visando dar continuidade a investigações acerca desta temática, para além das sugestões supracitadas, seria interessante que estudos futuros considerassem o efeito da cinoterapia no animal. Também seriam relevantes estudos comparativos entre terapias tradicionais e terapias assistidas por animais ou terapias assistidas por animais e grupos de controlo. Uma última sugestão prende-se na realização de estudos longitudinais, apurando efeitos da intervenção a longo prazo.

Esta investigação surge como precursora na área da cinoterapia, uma vez que a literatura existente aborda a cinoterapia na visão dos usufrutuários, permitindo o avanço da temática, bem como o fornecimento de ferramentas de trabalho importantes no planeamento e implementação do processo terapêutico para os profissionais da área da educação e da saúde. Assim, este tema apresenta grande relevância teórica e prática, pois permitiu a descoberta de informações que aprofundam o tópico, ao passo que os resultados poderão futuramente orientar melhor a prática terapêutica, contribuindo para a desmistificação das terapias assistidas por animais, que tanto potencial têm.

Também a Psicologia da Educação beneficiou com esta investigação, já que foi desvendado que o processo de ensino e aprendizagem do indivíduo pode ser facilitado por quatro patas, um focinho e uma cauda. O psicólogo da educação pode agora utilizar o cão como uma ferramenta valiosa, conseguindo uma melhor comunicação com o indivíduo, que tem a possibilidade de falar com o animal e não diretamente com o psicólogo, estabelecendo mais rapidamente um vínculo de confiança, uma vez que o cão funciona como um amigo presente, e aproveitando o animal como fonte de motivação para a participação do indivíduo no aconselhamento. O psicólogo dispõe assim da vantagem de conseguir analisar e atuar ao nível dos problemas da Educação à luz da Psicologia, ambicionando o sucesso escolar, com a colaboração de um cão.

Conforme se constatou, os estudos no âmbito da cinoterapia ainda carecem de muito aprofundamento e olhar crítico, sobretudo em Portugal, e não devem ser menosprezados por se tratar de uma prática inovadora, antes pelo contrário. Portanto deve ser feita uma integração de novos conhecimentos e devem ser exploradas novas metodologias, de forma a apurar a validade científica desta promissora intervenção educacional.

## Referências Bibliográficas

- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Batista, C. (2010). *Expectativas e opinião atual de adolescentes sobre o processo terapêutico*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia, Lisboa.
- Becker, M. & Morton, D. (2003). *O poder curativo dos bichos*. São Paulo: Bertrand Brasil.
- Bonnie, M., Lynette, H. A. & Bonita, B. (1989). Social acknowledgments for children with disabilities: effects of service dogs. *Child Development*, 60, 1529-1534.
- Butterly, F., Percy, C. & Ward, G. (2013). Brief report: do service dog providers placing dogs with children with developmental disabilities use outcome measures and, if so, what are they. *Journal of Autism & Developmental Disorders*, 43, 2720–2725.
- Caetano, E. (2010). *As contribuições da TAA – Terapia Assistida por Animais à psicologia*. Manuscrito não publicado, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.
- Carlisle, G. (2015). The social skills and attachment to dogs of children with autism spectrum disorder. *Journal of Autism & Developmental Disorders*, 45, 1137–1145.
- Carvalho, R. (2008). A dimensão relacional da intervenção dos serviços de psicologia nas escolas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 119-124.
- Delta Society (2006). *Therapeutic interventions*. Renton: Delta Society.



Dias, J. (2014). *Autismo e equitação psicoeducacional: os benefícios na adaptação escolar*.

Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia, Lisboa.

Dornelas, K., Dornelas, O. & Vieira, F. (2015). *A perceção dos estudantes da área de saúde sobre o relacionamento humano-animal e a Terapia Assistida por Animais (TAA)*.

Manuscrito não publicado, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo.

Dotti, J. (2005). *Terapia & animais*. São Paulo: PC Editorial.

Faraco, C., Pizzinato, A., Csordas, M., Moreira, M., Zavaschi, M., Santos, T., Oliveira, V.,

Boschetti, F. & Menti, L. (2009). Terapia mediada por animais e saúde mental: um

programa no Centro de Atenção Psicossocial da Infância e Adolescência em Porto Alegre -

TAA Parte III. *Saúde Coletiva*, 6, 231-236.

Gaitas, S. & Morgado, J. (2010). Educação, diferença e psicologia. *Análise Psicológica*, 2, 359-375.

Lampert, M. (2014). *Benefícios da relação homem-animal*. Manuscrito não publicado,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Lima, M. e Sousa, L. (2004). A influência positiva dos animais de ajuda social. *Interações*, 6, 156-177.

Lourenço, S. (2013). *Psicologia da educação*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia, Lisboa.

Madrigal, P. (2009). Campos de acción del psicólogo educativo: una propuesta mexicana. *Psicología Educativa*, 15(2), 165 – 175.

Mendonça, M., Silva, R., Feitosa, M. e Peixoto, S. (2014). A terapia assistida por cães no desenvolvimento socioafetivo de crianças com deficiência intelectual. *Ciências Biológicas e da Saúde*, 2(2), 11-29.

Miguel, D. (2011). *As expectativas dos jovens em relação ao acompanhamento psicológico*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia, Lisboa.

Miranda, R. (2009). *Qual a relação entre o pensamento crítico e a aprendizagem de conteúdos de ciências por via experimental: um estudo no 1º ciclo*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Ciências, Lisboa.

Nogueira, G. (2015). *Terapia assistida por animais: revisão sistemática da literatura e análise exploratória da prática psicomotora*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Motricidade Humana, Lisboa.

Oliveira, G. N. (2007). *Cinoterapia: benefícios de interação entre crianças e cães*. Retirado de <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=524>.

Onari, M. (s.d.). *Contribuições das atividades assistidas por animais no processo de ensino aprendizagem*. XV Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e XI Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, São Paulo, Brasil.

Reynolds, C. R. (2011). Perspectives on specialization in school psychology training and practice. *Psychology in the Schools*, 48(9), 922-930.

Serapioni, M. (2000). Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. *Ciência & Saúde Coletiva*, 5(1), 187-192.

Silva, C. (2011). *Atividade assistida por animais – uma proposta de inclusão educacional com a utilização de animais de estimação*. Manuscrito não publicado, Universidade de Brasília, Brasília.

Silva, M. (2014). *O uso da cinoterapia no âmbito educacional*. Manuscrito não publicado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo.

Sobreira, A. (2013). *A cooperação entre a Guarda Nacional Republicana e o município de Sintra: O Programa Cinoterapia*. Manuscrito não publicado, Academia Militar, Lisboa.

Sprinthall, N. A. & Sprinthall, R. C. (1993). *Psicologia Educacional. Uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: McGraw-Hill.

Turner, J. (2011). *Animal assisted therapy and autism intervention: a synthesis of the literature*. Unpublished master's thesis, Southern Illinois University, Carbondale.

Veiga, F. (2013). *Psicologia da educação: teoria, investigação e aplicação*. Lisboa: Climepsi Editora.

Wright, H. F., Hall, S., Hames, A., Hardiman, J., Mills, R., Team, P. & Mills, D. (2015).

Acquiring a pet dog significantly reduces stress of primary carers for children with autism spectrum disorder: a prospective case control study. *Journal of Autism & Developmental Disorders*, 45, 2531–2540.

## **Apêndices**



## Apêndice A



### Pedido de Colaboração

No âmbito do projeto de investigação “Expectativas de profissionais de cinoterapia face à eficácia da intervenção educacional”, levado a cabo na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de mestre em Psicologia da Educação e da Orientação, a investigadora Cheila Isabel Agostinho Caturra, supervisionada pela Professora Doutora Sara Bahia dos Santos Nogueira, vem solicitar a colaboração da (nome da instituição).

Com o objetivo de conhecer as expectativas de profissionais que fazem uso da cinoterapia em relação à eficácia da intervenção educacional em questão, solicita-se a colaboração de profissionais da área da educação e da saúde que fazem uso da cinoterapia, através de entrevista presencial a combinar previamente com o participante.

A participação na investigação é voluntária e precedida de termo de consentimento informado. É garantido que os dados recolhidos são mantidos confidenciais e se destinam exclusivamente à presente investigação, sendo destruídos aquando da sua finalização. Os resultados dos dados recolhidos serão posteriormente divulgados caso o participante os solicite.

Apresenta-se por isso a presente proposta de colaboração no projeto de investigação à (nome da instituição).

Agradece-se desde já a atenção e a disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

A investigadora,

Cheila Caturra

**Guião de Entrevista****A. Legitimar a entrevista**

- Pedido de Colaboração

---

---

---

**B. Motivar o participante**

- Termo de Consentimento Informado

---

---

---

**C. Estabelecer relação**

- Área de formação:

---

---

- Função na instituição:

---

---

**D. Entrevista**

- População-alvo da cinoterapia na instituição:

---

---

- É o diagnóstico ou são as características pessoais que fazem depender a escolha do animal?

---

---

- A escolha do animal influencia a intervenção terapêutica?

---

---

- Que outros animais são “terapeutas” na instituição?

---

---

- Os resultados esperados dependem do diagnóstico?

---

---

- Que resultados são esperados com a prática de cinoterapia?

---

---

- Que mudanças são observadas com a prática de cinoterapia?

---

---

- Quais são os benefícios da prática de cinoterapia?

---

---

- Em âmbito educacional, a prática de cinoterapia é eficaz?

---

---

E. Outra informação relevante

---

---

---

F. Finalizar a entrevista

---

---

---





## Apêndice C



### Termo de Consentimento Informado

No sentido de conhecer as expectativas de profissionais da área de educação e da saúde que fazem uso da cinoterapia em relação à eficácia da intervenção educacional, foi proposta uma investigação no âmbito de dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia da Educação e da Orientação, orientada pela Professora Doutora Sara Bahia dos Santos Nogueira, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.

Para a investigação, serão solicitadas informações exclusivamente destinadas a tal finalidade. A participação na investigação é confidencial e voluntária, podendo o participante desistir a qualquer momento. Os dados serão recolhidos por meio de uma entrevista registada em formato áudio e posteriormente destruídos aquando da finalização da investigação.

Os resultados globais do estudo serão depois divulgados caso o participante os solicite, através do contacto eletrónico: [cheilacaturra.273@hotmail.com](mailto:cheilacaturra.273@hotmail.com)

-----

**Tomei conhecimento e autorizo, comprometendo-me a colaborar e prestar todas as informações necessárias.**

Lisboa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
(Assinatura do Participante)

\_\_\_\_\_  
(Assinatura da Investigadora)

## Apêndice D

### Transcrição da 1.<sup>a</sup> Entrevista

Área de formação: Terapia Ocupacional

Função na instituição: Terapeuta Ocupacional, Técnica de IAA (*Associació Positives Can*)

População-alvo da cinoterapia na instituição: “Neste momento abrangemos todo o Núcleo Terapêutico e Bem-Estar, que são todos os clientes com maior dependência. Depois dentro do Núcleo Ocupacional Social, que são os mais autónomos, que é outro tipo de trabalho (enquanto que com o primeiro grupo é um trabalho de estimulação sensorial, de contacto, troca de afeto, etc.), trabalhamos competências de treino, várias competências motoras, competências cognitivas, memória, etc. A nossa faixa etária é a partir dos 18 anos e há diagnósticos muito variados: deficiência intelectual, paralisia cerebral, trissomia 21, autismo, várias síndromes, etc.”

É o diagnóstico ou são as características pessoais que fazem depender a escolha do animal?

“Por exemplo, vem um cliente em cadeira de rodas, que gosta imenso de cães, mas colocar uma Golden Retriever em cima de uma cadeira de rodas é muito complicado. Portanto eu levo o Tari, que é um cão calmo, pequenino, velhote, consegue ficar tranquilo, tem pelo; é um cão que ele [cliente] conhece, desde há muitos anos, e por isso sente-se confortável. Assim como utilizo também outros dos nossos cães para outras situações mais de contacto com os mesmos, como fazer as tarefas todas de repor a ração, as águas, etc. Portanto vêm alguns clientes aqui e estão com os outros cães (não estão só com a Noa, a Golden Retriever), que não têm o treino da Noa. Ou seja, há sempre a possibilidade de utilizar outro animal tendo em conta o que se pretende.”

A escolha do animal influencia a intervenção terapêutica? “A escolha do animal acaba por influenciar a intervenção, sim.”

Que outros animais são “terapeutas” na instituição? “Terapeutas” não. Temos uma ovelha, um papagaio, já tivemos galinhas, coelhos, mas nunca foram treinados para o efeito. Neste momento só temos ainda a ovelha e o papagaio que está cá há pouco tempo, foi também resgatado de uma situação de maus-tratos. O papagaio está na secretaria, a ovelha está na

Quintinha juntamente com os cães. E como temos um grupo que faz todo o trabalho de jardinagem, de limpeza de espaço, etc., também faz o trabalho de passear os cães, estar com eles, brincar com eles, assim como com a ovelha. Portanto há um contacto direto. O grupo tem um trabalho que é vir para a Quintinha fazer o trabalho de jardinagem, de limpeza, mas de certa forma está a interagir com os animais. Mas não é uma atividade assistida por animais nem uma terapia assistida por animais.”

Os resultados esperados dependem do diagnóstico? “Não. Cada cliente tem alguns objetivos, objetivos muito práticos, atingidos ou não atingidos ao fim de seis meses (há uma avaliação semestral e uma avaliação anual), por isso têm de ser objetivos concretizáveis, objetivos “*smart*”, objetivos mensuráveis e quantificáveis. Depois tendo em conta a nossa população, que é uma população com uma grande dependência, com algumas limitações físicas, com deficiência intelectual na maior parte profunda, é tentar que eles interajam de alguma forma com o cão, desde o estabelecimento do contacto visual, ao tentar dar uma festinha ao cão, aproximar do cão, entrar em contacto com o cão, reagir à lambidela do cão, tentar no fundo que eles expressem algo que nós consigamos perceber que é importante para eles, que sentem prazer em estar com o cão.”

Que resultados são esperados com a prática de cinoterapia? “Está estudado que ao fim de três minutos de contacto direto com o cão há uma diminuição do cortisol e aumento da serotonina, responsáveis pelo bem-estar, pela diminuição do stress. Portanto tem efeitos secundários só por estar ali. Por outro lado, nós temos cinco salas dos mais dependentes, portanto eu estou uma hora em cada uma das salas, com a Noa. Vamos passando por cada um deles ou fazemos atividades de grupo e o cão está ali durante uma hora na sala, proporcionando uma série de estímulos. É um elemento atrativo, é um elemento que se mexe, é um elemento que vai ter com eles, é um elemento que os estimula e tem resultado muito bem! Enquanto antes eu dava apoio específico a alguns clientes e percebia que outros clientes também queriam ou queriam ir ter com o cão, então agora todos têm oportunidade de estar com o cão, da forma que podem e que conseguem, vê-lo a passear, a brincar, a ir ter com os clientes, e nesse momento fazemos uma atividade estruturada em grupo e depois então uma atividade mais individual. Nas atividades de grupo normalmente faço um círculo com estes mais dependentes, em que dou o «bom dia», o cão dá o sinal de «bom dia», alguns riem, outros assustam-se por causa do ladrar do cão, etc. Depois vou com o cão ao pé de cada um

deles dar um beijinho, a seguir fazemos um jogo de bowling, em que cada um deles atira a bola ao cão, com a nossa ajuda, simplesmente dar a bola ao cão ou atirar mesmo, tendo em conta as suas capacidades. Depois o receber da bola ou recebe em mão, se conseguir, ou recebe nas pernas, se não conseguir ter habilidade nas mãos, ou temos aquela bacia que tem um fundo maior do que a nossa mão, portanto não há margem de engano. Nós ajudamos a segurar a bacia e a cadela põe a bola dentro da bacia e tem o mesmo efeito. Depois da bola fazemos um jogo com arcos, em que cada um deles segura o arco e a cadela passa pelos arcos. Com os que têm capacidade, eu ponho-os a fazer com que a cadela passe pelos arcos; vou com eles, eles seguram nos arcos e ela vai passando. Depois há um momento de mais tranquilidade, relaxamento, em que a Noa vai para cima de uma mesa e eles vão lá dar festinhas, abraços, beijinhos, vão pentear... Depois quando trabalho competências mais específicas utilizo muito as texturas, mais agressivas, mais fofinhas, etc. e tento que eles identifiquem essas texturas no cão. Depois ainda fazemos algum treino de marcha para os que têm essa necessidade; levam a passear os cães e aí eu escolho os cães que cada um pode levar. Estas são as atividades direcionadas para os mais dependentes. A atividade das texturas já utilizo nos dois grupos e o passeio com o cão utilizo também nos dois grupos, com objetivos diferentes, um mais para treino de marcha, de equilíbrio, outro para treino da responsabilidade, das regras, de competências, de respeito, de autoestima. Em relação às outras atividades com os mais autónomos, podemos fazer um circuito de obstáculos, em que eles conduzem o cão pelo circuito, assim como o treino do próprio cão, em que eu dou a indicação do gesto e da palavra e o cão reage ao comando e, portanto, em termos de valorização pessoal e de autoestima é muito importante para estas pessoas. Depois fazemos um trabalho de motricidade fina. Por exemplo, temos ali alguns jogos em que eles com uma pinça têm de apanhar os ossinhos ou as pulgas, fazerem jogos de competição, por exemplo, encontrar os iguais, onde quem apanhar mais iguais pode dar o comando à Noa e dar o biscoito no final, jogos de enfiamento, jogos de veterinário em que eles têm de cuidar do animal. Temos um colete em que podemos treinar todas as competências do vestir e do despir, que tem os velcros, os fechos, os cordões. É um colete que se coloca no cão e eles fazem todo esse trabalho com o cão. Depois os jogos de bola são os que eles mais gostam. Tentar tirar a bola ao cão, ir buscar e trazer, todos eles adoram! Temos atividades com cartões que têm as partes do corpo do cão e as partes do corpo do homem e podemos comparar, assim como expressões, emoções (várias imagens em que eles identificam como é que o animal se sente e depois falamos um bocadinho das nossas expressões). Temos os números,

os opostos, os diferentes e os iguais, a linguagem do cão, em que ao mostrar as imagens eles têm de dizer o que eles próprios sentem. Podemos fazer uma análise e tentar perceber porque é que ele disse aquele sentimento, se é o que ele está a sentir, e podemos chegar mais profundamente à pessoa, ao mesmo tempo que aprendemos um bocadinho da linguagem dos cães e percebemos sinais corporais. O jogo do dado, em que eu ponho os cartões que quiser, eles jogam o dado e calha uma função, por exemplo pedir a pata, dar um beijinho, festinha, jogar à bola, escovar... Estes são materiais adquiridos online no CTAC, um centro de terapia assistida por animais em Barcelona, os quais o projeto Fundação EDP financiou, mas seriam fáceis de fazer. Ah, nós depois com este projeto também concorremos a outro projeto e fizemos um serviço de banhos para cães externos, portanto temos os “Banhos e Companhia”, em que há uma equipa dos mais autónomos que faz todo o trabalho, claro que com supervisão (há coisas que sou eu que faço, como lavar os dentes e cortar as unhas, mas a limpeza das orelhas, dos olhos, o próprio banho e a secagem já são eles que fazem), portanto é um serviço que está a ter muita adesão. É um mundo! E, de facto, a minha formação em terapia ocupacional facilita imenso a organização e a estruturação destas atividades; no fundo eu utilizo os meus conhecimentos como terapeuta utilizando o cão, como um meio mais eficiente de interação.”

Que mudanças são observadas com a prática de cinoterapia? “Na prática muitas vezes conseguimos alguns objetivos que nem sequer tínhamos pensado neles, mas que acontecem por espontaneidade. E depois temos constatado que de facto eles têm aderido e manifestado expressões e sensações que de outra forma não o fazem, porque é um grupo de facto com muitas limitações e quando, por exemplo, me veem e dizem “olha a mulher do cão!” ou na sala dizem “cão, cão”, já é um grande ganho saber que eles associam, têm aquela atividade quando aparece o cão ou sorriem. Em ambos os grupos são notadas mudanças. Nos mais autónomos de facto vê-se uma evolução muito mais significativa; nos mais dependentes a evolução que se vê é de facto o bem-estar quando eles estão com o cão e o sentimento de alegria. De facto, durante o dia eles têm aqui felizmente tantas atividades, mas têm tantas poucas oportunidades de se exprimir devido às suas limitações, que vê-los a exprimir de alguma forma é enorme para esta população e o cão permite isso. Já estou cá há tantos anos e de facto com o cão vemos reações que é difícil vê-las noutras situações; é um meio muito natural, ou seja, o cão é um facilitador.”

Quais são os benefícios da prática da cinoterapia? “Muitos. Obstáculos não traz. As pessoas que estão à frente da instituição gostam muito de animais e por isso isto foi para a frente. Todas as auxiliares e técnicos respeitam os animais e sempre que passa um cão há muita interação, todos adoram ter o cão na sala e a questão de pelos ou sujidade nem se coloca. Há alguns clientes que notoriamente não querem e são respeitados. Um dos mais autónomos, por exemplo, a mãe referia que ele tinha muito medo de cães porque os vizinhos têm vários cães e era um problema para ele subir o elevador com os cães, etc., mas quiseram experimentar e de facto neste momento ele já entra em qualquer espaço com cães, já procura o cão espontaneamente; claro que ainda se assusta quando há muita energia, mas já sabe que não é um perigo. Foi uma vitória! Estivemos presentes na Feira Animal de Oeiras e a mãe veio ter connosco e disse que aquilo era impensável ir para lá com tantos cães e de facto ele entrou todo contente, esteve lá com todos os cães e mesmo no próprio prédio já entra, já diz «Olá», já dá festinhas...”

Em âmbito educacional, a prática de cinoterapia é eficaz? “Imenso, imenso, imenso. E há vários projetos, inclusive em Portugal, sobre leitura com cães. Nós não fazemos a leitura, só há seis clientes que sabem ler e por isso têm uma professora que vem cá para continuação da estimulação da leitura. Primeiro, porque já não são crianças e as competências de leitura e escrita é suposto serem feitas na escola primária, portanto é uma atividade desadequada para a idade, não faz muito sentido. Segundo, a Noa tem um ano e pouco, ainda tem muita energia, portanto ainda não consegue ficar concentrada o tempo todo à espera que alguém conte uma história até ao fim, por isso é-lhe dada possibilidade de estar connosco na atividade, de repente ela quer ir dar uma volta, vai dar uma volta e depois volta outra vez, isso é-lhe permitido para o seu bem-estar, portanto neste momento não estou a ver essa situação a acontecer a não ser que tenhamos alguma parceria com alguma escola. O nosso objetivo é expandir a prática e temos alargado o número de clientes a beneficiarem da mesma exatamente por isso; também é objetivo alargar para o exterior, em lares e escolas, mas não para já por limitações institucionais. Qualquer pessoa, independentemente da formação que tenha de base, desde que tenha interesse e que se especialize na área, poderá fazer [cinoterapia].”

## Apêndice E

### Transcrição da 2.<sup>a</sup> Entrevista

Área de formação: Terapia da Fala

Função na instituição: Terapeuta da Fala, Técnica de IAA (*Fundación Bocalan*)

População-alvo da cinoterapia na instituição: “Crianças, essencialmente entre os dois e os seis anos, ou seja, intervenção precoce, mas também trabalho com crianças maiores, ou seja, vai até 12, 13 anos, tenho também crianças com essa idade. Mas são sobretudo as mais pequeninas. Temos como diagnóstico perturbação da comunicação e da relação, temos autismo, tenho crianças com dificuldades da leitura e da escrita, atrasos no desenvolvimento da linguagem, atraso no desenvolvimento global, há uns só com problemas articulatórios ou fonológicos.... Maioritariamente são esses. E dislexias também.”

É o diagnóstico ou são as características pessoais que fazem depender a escolha do animal?

“Eu tenho dois, tenho um Labrador e um Golden. [Estes são os cães utilizados. Foram treinados pela participante desde pequenos]. Para não ser muito cansativo, é tentar de manhã levar um e à tarde levar outro porque o cão fica cansado. A nível de carácter do cão, são muito parecidos, são muito divertidos, ou seja, se eu tivesse um cão pequenino e um cão grande, fazia diferença (para o pequenino pessoas que gostam de pegar ao colo...); não tendo muita diferença, é um bocadinho para dar descanso.”

A escolha do animal influencia a intervenção terapêutica? “Não, porque elas são muito parecidas, não faz diferença. Se fossem cães completamente diferentes, podia ser... Mas neste caso não.”

Que outros animais são “terapeutas” na instituição? “São só cães.”

Os resultados esperados dependem do diagnóstico? “A ideia é tentar acelerar os resultados.

Como [as crianças] ficam mais motivadas, é tentar que mais facilmente se atinjam os resultados. Mas aqui o objetivo é tornar o ambiente mais informal, que a criança goste de ir para a terapia. Por exemplo, tenho crianças que são mais difíceis, fazem grandes birras, facilmente se desregulam e o cão às vezes ajuda um bocadinho a controlar estas birras. A

expectativa aqui é que o cão ajude na relação com a criança, ajude a chegar até elas, que por vezes não é fácil; é um veículo para chegar até elas, tornando as sessões mais divertidas, mais giras, com mais motivação e que se consiga chegar mais facilmente aos resultados.”

Que resultados são esperados com a prática de cinoterapia? “Claro que isto depende de criança para criança. Há crianças que adoram cães, há aquelas que não ligam tanto. As que adoram cães, nota-se uma diferença... Os resultados são mais rápidos. Costumo dizer que [a cinoterapia] não faz milagres, ou seja, o que a criança não conseguir dar, às vezes não é possível com o cão. Mas que ela consiga dar mais facilmente e que consigamos chegar lá com o cão! É engraçado que eu tenho algumas [crianças] que ficam com receio no início. Até fiz uma reportagem para os «Animais Anónimos» com ele [cliente]; ele tinha medo, ele não queria chegar perto dela, nada, nada que fosse com ela; ela tinha que ficar amarrada, nem podia ficar solta, tinha que ficar amarrada no outro lado da sala e ... aos bocadinhos, aos bocadinhos, fomos fazendo uma festinha, uma festinha aqui, uma festinha ali, e passado pouco tempo ele começou a interagir, ela já andava à solta, ele já brincava com ela! Normalmente ultrapassam todos o medo. Muitas das vezes não é porque tenha acontecido alguma coisa com eles, que eles são pequeninos, são os pais que passam o medo aos filhos. Têm medo e não sabem porquê! Depois quando percebem que afinal, se calhar, não faz mal, começam a ganhar confiança e pronto!”

Que mudanças são observadas com a prática de cinoterapia? “Depende dos casos. Por exemplo, eu tenho uma criança agora com mutismo seletivo, ou seja, ela só fala quando quer. Ela comigo fala baixinho, com o cão já fala com volume normal e com pessoas estranhas ela não fala. Então eu consigo que o cão promova esta parte social, ou seja, por exemplo, eu ainda ontem fui com ela, fomos passear ao café perto de onde eu trabalho, falei com uma senhora que queria saber o nome do cão e foi ela que respondeu, baixinho, mas já respondeu. E ela costuma calar-se, ela não fala. Depois combinei com ela que íamos pedir água, ela disse que não queria ser ela a pedir. Quando cheguei lá, eu perguntei-lhe “Então o que é que vamos pedir?” e ela disse “Água” baixinho, mas disse, ou seja, [a cinoterapia] ajuda muito estas crianças que têm muita dificuldade social. A minha área é terapia da fala, mas se estivermos a falar de alguém com dificuldades motoras, eles [cães] também ajudam. Especificamente na minha área, é [desenvolvida] esta parte da comunicação, mas eu tenho de ver a criança como



um todo, a parte sensorial, a parte de motricidade final, global, a parte social, emocional... Portanto ajuda em todos os aspetos!”

Quais são os benefícios da prática de cinoterapia? “Não há malefícios. Só se forem os pelos na roupa! O cão traz sempre coisas positivas, a todos os níveis. Primeiro que tudo, porque começamos com motivação. Se as crianças não tiverem motivação, é muito complicado tirar alguma coisa delas, e através do cão conseguimos não só trabalhar os nossos objetivos como também chegar a outro tipo de objetivos. Por exemplo, no meu caso, eu trabalho em equipa e eu sei o que é que está a ser trabalhado e eu ao mesmo tempo que estou a trabalhar a minha área posso estar a trabalhar outras, como a parte da integração social, portanto o cão dá para trabalhar todas as áreas. Quando às vezes se fala: “Ah, a terapia da fala... Como é que se põe o cão na terapia da fala? Não faz muito sentido...”. Faz todo o sentido! Elas [crianças] têm a tendência de falar mais perante o cão e até dar ordens: “Não faz isso! Não faz aquilo! Ai, ai, ai!”. É engraçado! Elas tendem a ficar mais verbais. Dizem alguma coisa e o cão faz, elas acham piada, o controlar do cão, e é giro ver a reação!”

Em âmbito educacional, a prática de cinoterapia é eficaz? “Como trabalho com a parte da leitura e da escrita, acabo por trabalhar um bocadinho também na área da educação e também funciona muito bem! Eles acham imensa piada a trabalhar com o cão. Nessa prática da leitura e da escrita, ela [cadela] usa um colete que tem tiras de velcro e eu posso tirar as tiras de velcro e, por exemplo, colar letras, colar palavras, pôr uma palavra de um lado e do outro a criança pode associar a imagem. Dá para fazer n coisas! Pôr imagens e ela [criança] depois tem de ir buscar as que começam com a letra x, as que rimam.... É inventar! Ou a cadela vai buscar letras e com aquela letra temos que dizer uma palavra que comece com aquela letra ou que tenha aquela letra. Portanto dá sempre para por o cão nas nossas atividades. Se vamos ler um livro, quem escolhe o livro é a cadela, com a pata. Ler para a cadela, ou seja, é diferente de ler para mim; ler para a cadela que não a vai julgar, não tem opinião, está quietinha e se for preciso adormece!”

## Apêndice F

### Transcrição da 3.ª Entrevista

Área de formação: Terapia Ocupacional

Função na instituição: Terapeuta Ocupacional, Técnica de IAA (*Fundación Bocalan*)

População-alvo da cinoterapia na instituição: “Neste momento até trabalho com dois ainda jovens porque entraram recentemente na instituição. Trabalho com uma jovem com 18 anos, portanto a idade mais nova é essa, tenho um mais novo, mas é um externo, dou apoio a um externo, que deve estar a fazer 17, que é uma fase de vida próxima, e depois vai até aos 50 e tal, até à idade do mais velho. Há muitos com 20 e tal, 30 e tal, 40 e tal, são aqueles que fizeram o percurso todo na Cercica, desde criança, e que estão agora numa fase de vida bastante adiantada. Também atendo um externo, que é esse jovem que vem aqui, que deve ter agora 17 anos, vem aqui uma vez por semana. Também me desloco com o cão aqui próximo, a uma instituição que faz parte da Associação Alzheimer Portugal, com doentes de Alzheimer, que se chama Casa do Alecrim. Eu desloco-me com o cão e trabalho com a terapeuta ocupacional de lá. Ela ali age mais como terapeuta ocupacional e eu como facilitadora. Foi uma parceria feita, é um serviço que a Cercica está a prestar, assim como ao externo. Nós aqui temos multideficiências, a nível motor, a nível sensorial, a nível intelectual, alguma delas nem sequer têm propriamente um diagnóstico preciso, pela época em que nasceram ou pela dificuldade em diagnosticar, mas a grande maioria ou tem trissomia 21, paralisias cerebrais, autismo, asperger ou algumas síndromes mais raras, como esclerose tuberosa.”

É o diagnóstico ou são as características pessoais que fazem depender a escolha do animal?

“A fazer terapia eu tenho a Pipa, que está comigo diariamente aqui em trabalho, a Cuca, que já está menos porque está mais velhinha, mas está. Depois o Sol está comigo também em treino. Portanto esses três estão comigo. Depois a Luna vai estando de vez em quando e as pequeninas ainda são só para colocar no colo, fazer festas. Ou seja, eu tenho três cães com quem trabalho mais e tenho três cães que estão a começar. Desses três com quem eu trabalho mais, há uma com que eu trabalho mais porque está numa fase da vida melhor. A Pipa já nasceu com uma forma de estar que é ótima para a terapia assistida, porque ela é muito tranquila, ela tolera muito o contacto. A Cuca tem outras características, tem mais energia,

mas também é muito boa; agora está a perder algumas capacidades porque está a envelhecer. E o Sol está a começar. Portanto elas as duas são a grande força da terapia. A doença não é tudo. Porque, por exemplo, há características que estão muito presentes numa pessoa com autismo, e que são aquelas mais evidentes; aí eu tenho de ter cuidado, normalmente escolho a Pipa, porque a Pipa é muito tranquila, portanto não oferece risco. Enquanto que outros, por exemplo, uns com trissomia 21, outros com outras patologias, mas que sejam muito pouco enérgicos, adormeçam com facilidade, a Cuca ou o Sol... Por exemplo, a Cuca pousa a bola no colo, e no fundo está a provocar uma reação. Portanto o cão é escolhido de acordo sim com as características. Quando eu tenho um grupo, porque eu trabalho muito em grupo também, é evidente que vou apanhar de tudo, aí eu trago vários cães. Vou trazendo à vez e facilitando a aproximação.”

A escolha do animal influencia a intervenção terapêutica? “Sim. Por exemplo, com a Pipa eu posso ter como objetivo tranquilizar a pessoa, relaxar um pouco, poder estar tranquilamente com o cão, e aí eu estou a conseguir, com o tempo, um objetivo que é a comunicação com o outro, baixar a necessidade de se defender de alguma coisa, para se sentir tranquila, e ir falando e entrando em contacto com o cão, estabelecendo um vínculo com o cão.”

Que outros animais são “terapeutas” na instituição? “Só cães.”

Os resultados esperados dependem do diagnóstico? “Primeiro eu tenho um objetivo geral para todos. O que eu pretendo é aumentar o bem-estar, seja o que isso for para aquela pessoa, seja um momento de alegria, seja um momento de relaxamento, seja o que for para aquela pessoa, e no fundo contribuir para um grande objetivo que nós temos aqui que é a qualidade de vida de cada um. Porque pela fase da vida em que as pessoas estão, eu não pretendo que aprendam nada. Claro que vou tentar que se mantenham uma série de aquisições que foram feitas ao longo da vida, eu vou reforçando, vou adequando. Mas já não temos esse objetivo porque a fase da vida deles já não é de aprendizagem.”

Que resultados são esperados com a prática de cinoterapia? “Primeiro, de facto, que se estabeleça um vínculo com o animal e daí isso ser um facilitador na comunicação connosco, neste caso comigo, e depois daí para os outros. A nível de bem-estar, de relaxamento, que cheguem aqui e possam respirar fundo, não terem de estar a defender-se. Em relação à

deficiência, principalmente, seja qual for o tipo de intervenção, nunca há propriamente resultados milagrosos. Às vezes nota-se uma diferença mais evidente, outras vezes são coisas muito ténues que vão acontecendo.... Temos casos graves aqui também de paralisias cerebrais, e aí no fundo é o contacto pele a pele, é o contacto com o cão, é o pelo, é a língua e os sons; nós vamos tentar olhar para o sorriso e ver se está a ser adequado ou se está a ser desagradável.... Cada caso é um caso.”

Que mudanças são observadas com a prática de cinoterapia? “O que é que eu noto de real?

Para já, o mais evidente e que me gratifica muito é eu saber que a minha pessoa e este espaço traz-lhes muita alegria, porque é evidente. Eles chegam ali à porta, é como os cães, sabem que vão brincar aqui, vão levar festas e biscoitos, sentem este espaço como um espaço bom e a minha pessoa associada ao cão. Portanto essa reação eu vejo, em quase todos. Aliás, temos poucos casos aqui com medo ou que não tenham mudado a atitude, temos dois ou três casos, a maior parte, mesmo alguns que tinham receio, vieram a perdê-lo. São uma exceção! A maioria de facto gosta. Isso eu noto! Já às vezes lhes puseram a questão, como é lógico, se querem continuar ou não e a informação que eu tenho das pessoas que lhes põem a questão é que sim, que é uma atividade que querem continuar e há vários a querer entrar. Nós temos aqui recentemente o caso de uma miúda que tem 18 anos, veio agora da escola oficial, portanto já foi estimulada a todos os níveis, com um traumatismo craniano. Move ligeiramente uma mão e uma perna, não fala, portanto, um caso grave. Ela só esteve comigo ainda três vezes, uma vez por semana, e aquilo que me é dito doutras atividades é que ela se interessa pontualmente, têm dificuldade em motivá-la, e aqui eu não preciso de muito para que ela reaja; o pouco movimento que ela tem, tanto facial como no braço que ela consegue utilizar, eu vejo a intenção, a alegria de ter o cão à frente dela, em cima dela, e querer fazer-lhe festas e fazer à maneira dela. Isso para mim já é o suficiente. Provavelmente o objetivo com ela vai ser esse e não será muito mais que esse! Portanto no fundo é isto.”

Quais são os benefícios da prática de cinoterapia? “Ai, benefícios traz tantos, tantos! Mesmo até em termos de memória.... Utilizo também muito até para eles se lembrarem do nome dos cães, o que é que fizeram antes, os cães que já não temos, mas com quem eles trabalharam.... Há sempre forma de pegar em todas as áreas, com uns mais, com outros menos, como é lógico. Mesmo num grupo, eles não têm as mesmas capacidades, os grupos não são assim tão homogéneos e, portanto, dá para ir puxando por um uma coisa, por outro, outra coisa, e no

fundo quem não tem capacidade de resposta, vai ouvindo e vai de alguma forma também colhendo mais informação, que é a vantagem dos grupos. Inicialmente, o cuidado que eu tenho de ter é saber se a pessoa tem alguma alergia, como é evidente, e se tem medo. Um cão é um animal, temos de ter sempre o cuidado, a atenção. Imaginando que o cão até está doente, mesmo sendo um cão tranquilo e um cão habituado a estar em sessões, pode ter uma reação fora. Portanto temos de ter sempre esse cuidado, a atenção permanente, etc. Mas, sim, malefícios não vejo muitos. Tirando alergias, tirando questões de medo, e é evidente que isso não se pretende... Alguém com medo não é forçado. De facto, se achamos que pode haver alguma vantagem em começar a ter algum contacto, é feito de uma forma muito tranquila, mais à distância, e depois, às vezes, vem-se a aproximar, e tudo o que antes parecia ser mesmo medo, não era, era falta de contacto.”

Em âmbito educacional, a prática de cinoterapia é eficaz? “Eu acho que é, apesar de cada caso ser um caso. Porque o cão é um estímulo tão rico, que eu acho que se nós pesarmos, de facto, em relação a outro tipo de terapias, a outro tipo de intervenções, tem a vantagem de ser uma coisa que abrange imensa coisa! Portanto é um estímulo visual, auditivo, a todos os níveis! Por ser tão rico, e por ser um ser vivo, tem essa vantagem sobre outro tipo de intervenções. É sem dúvida nenhuma eficaz. Agora é uma eficácia diferente para cada um. Eu também não concordo com a ideia de que como é uma forma de intervenção relativamente recente no país, que é quase uma coisa milagrosa, que resolve tudo... Não é, não é essa nem é nenhuma! Se for bem-feita pode ser muito boa para alguns, não é para todos, nem para todas as situações. Agora não é nada mágico.”

## Apêndice G

### Transcrição da 4.<sup>a</sup> Entrevista

Área de formação: Psicologia Forense e Exclusão Social

Função na instituição: Formadora do Curso de Formação Profissional – Tratadores de Cães (Formação IAA – *Associació Positives Can*)

População-alvo da cinoterapia na instituição: “Na escola, o projeto foi desenvolvido através de uma professora de educação especial. Pelo conhecimento que tinha da Carla, deste tipo de intervenções, achou que poderia inserir no trabalho feito com os seus alunos especiais esta intervenção. Então falou connosco, dissemos “Sim, senhora!” e este vai ser o terceiro ano em que vamos um dia por semana fazer esse trabalho na escola. Este trabalho é maioritariamente orientado pela professora de educação especial. Foi ela que escolheu os meninos para trabalharmos com eles. Porque ela dentro da escola tem alunos com necessidades especiais e ela selecionou esse grupo e esse grupo de quatro, cinco meninos, seis no máximo foi o que foi trabalhar connosco. Ela passou estes testes e a partir dos valores destes testes ela deve ter selecionado aqueles alunos. Quando nós lá chegámos, aqueles eram os nossos! Segundo ano, terceiro ano, se não me engano, eram as idades... Este projeto é direcionado só para as dificuldades de leitura e de aprendizagem e de fluência, portanto nós só fomos trabalhar neste aspeto, na fluência e precisão da leitura.”

É o diagnóstico ou são as características pessoais que fazem depender a escolha do animal?

“Um cão não consegue fazer aquele trabalho sozinho, um cão não consegue trabalhar aquelas horas todas, portanto eles variam. Normalmente vão dois de cada vez... Nós temos um leque de quatro cães e nós é que escolhemos, mediante aquilo que a professora de educação especial nos diz que vamos trabalhar naquela semana, portanto se é mais um jogo, precisamos de um cão mais ativo, se é mais um trabalho de mesa, por exemplo, a pequenina é levada... Portanto é escolhido um bocadinho mediante as atividades que vão ser feitas. No entanto, se há um que está maldisposto, esse não vai, vai outro. É assim um conjunto de fatores. Não há uma regra. Vamos vendo o que é necessário!”

A escolha do animal influencia a intervenção terapêutica? “Ela [escolha] pode fazer depender, como é óbvio. Se nós temos um cão que é muito bom numa atividade e o outro não

é tão bom, e realmente nessa semana vamos fazer uma atividade e esse não vai, obviamente que irá comprometer a atividade. Mas nós acabamos por precaver um bocadinho isso tudo e acabamos por tentar comunicar de maneira a que isso não aconteça. Mesmo que estivesse destinada uma atividade em que aquele [cão] fosse o melhor, então se calhar passaríamos a fazer outra atividade. Portanto pode comprometer a escolha do cão, mas na prática, ao agilizarmos tudo, tentamos que isso não aconteça. Até porque muitas vezes, o cão ao não ser perfeito para a atividade, traz outras coisas giras à dinâmica. Por exemplo, se vamos fazer uma atividade em que o cão sabe muito bem ir por o que quer na caixa e eu levo a minha [cadela], que nisso é uma aselha, aí entra a parte em que eles também treinam os cães e que lhes ensinamos como é que eles vão educar o cão, e isso também é motivador... Portanto o facto de não ser o cão indicado muitas vezes traz uma dinâmica também gira e diferente. Se há uma coisa que está determinada e tem de ser aquilo, aquilo, aquilo, e não há margem de manobra, aí pode prejudicar. Mas neste caso, no nosso projeto, acabou por não condicionar.”

Que outros animais são “terapeutas” na instituição? “Só cães.”

Os resultados esperados dependem do diagnóstico? “A melhor pessoa para responder a isso seria a professora de educação especial porque a professora é que fez o estudo dessa parte. Mas realmente o observado foi melhor do que o esperado, e esse era o grande objetivo. A nível global notaram-se resultados porque aquele era o grupo que trabalhava com os cães, portanto aquilo na escola em vez de ser “aquele que está na terapia”, “aquele que vai à aula de apoio”, não, aqueles eram o orgulho, eles é que trabalhavam com os cães! E a escola inteira no intervalo vinha para a nossa sala espreitar porque ali estavam os cães. O sair da escola e entrar na escola com os cães, era preciso algum tempo! Havia esse sentimento de orgulho, em vez de serem coitados. Era uma ideia que lhes dava vontade, que lhes dava motivação, eles gostavam de ir!”

Que resultados são esperados com a prática de cinoterapia? “Eu acho que, acima de tudo, no meu ver, uma maior motivação deles, porque aí acho que era a parte onde eles iriam tirar maior proveito disto. A leitura é uma coisa que quando não é adquirida a tempo, cria muita vergonha e condiciona muito a leitura deles em sala de aula. Se há um aluno que não sabe ler bem, quando a professora o chama para ler, ele fica a tremer, “Já vão gozar comigo...”, “Já vou falhar...”, e, portanto, o cão evitava ter algum tipo de julgamento. E é engraçado como

eles sentem isso, ou seja, o à-vontade deles, a motivação para ler... Eu acho que conseguimos, porque todos eles tinham vontade de ler e de ler para o cão e era muito giro! Portanto aquilo que se passava em contexto de sala de aula, a vergonha, a timidez de ler, ali não existiu, e para mim, no meu ver, essa foi das maiores conquistas.”

Que mudanças são observadas com a prática de cinoterapia? “Essa foi das maiores mudanças observadas. Para nós não tanto porque não estávamos com eles em contexto de sala de aula, mas sabíamos que eles não liam ou liam mal e ali tinham imensa vontade de ler. Era com essa ideia que eu ia e era esse o objetivo e eu acho que foi conseguido. O cão funciona como inibidor e facilitador, sem dúvida!”

Quais são os benefícios da prática de cinoterapia? “Traz benefícios e estão comprovados! Às vezes eles ficavam um bocadinho enojados com as babas, mas fora essas escassas vezes...”

Em âmbito educacional, a prática de cinoterapia é eficaz? “Sim. Este projeto é feito muitas vezes noutros sítios, não só em contexto de sala de aula, mas é feito especialmente em Inglaterra, em bibliotecas, por exemplo, em que há hora para ler para o cão. Normalmente tem uma afluência muito grande e de facto resulta os miúdos lerem para os cães. Na verdade, estão a ler para nós, mas há a ideia que é para o cão e tem tido resultados muito bons. É produtivo! Acaba por ser uma fuga ao tradicional, que não é uma substituição dele, e acaba por ser muito facilitador de alguns bloqueios que possam haver. E o nosso papel é facilitar a comunicação entre o cão e a criança. É super motivador!”



## Apêndice H

### Transcrição da 5.<sup>a</sup> Entrevista

Área de formação: Psicopedagogia

Função na instituição: Formadora do Curso de Formação Profissional – Tratadores de Cães (Técnica de IAA (*Associació Positives Can*), Especialista de IAA (*Centre de Teràpies Assistides amb Cans*))

População-alvo da cinoterapia na instituição: “São crianças que estão no ensino tradicional, estão sinalizadas e são acompanhadas em algumas alturas do dia pela professora de educação especial. Nem todos os que estão a ser acompanhados por ela foram sinalizados para este projeto. Um dos grandes critérios era o gosto pelos animais e a motivação que apresentaram em ingressar no projeto. Iniciaram connosco com 8 anos, com a exceção de um menino que não foi avaliado, ou seja, a todos os outros nós fizemos uma avaliação inicial e este menino, que tem 13 anos, não foi avaliado porque entrou a meio do projeto, no ano passado. E não foi tanto pela parte da leitura, porque é uma criança, embora com 13 anos, que não sabe ler; o que trabalhámos com ele foi essencialmente a integração social. É um jovem que sempre viveu em instituições, foi retirado à família, o seio familiar não é muito estruturante. Trabalhámos também muito a questão da frustração, ele não tinha qualquer tipo de tolerância à frustração. E foi por mero acaso que ele entrou no projeto. Entrou a meio, porque ele começou a assistir à nossa chegada com os animais e pedia a professora para ir. Porque era uma criança que quando contrariada virava uma sala inteira (com 13 anos já tinha um tamanho razoável) e era difícil controlá-lo. Uma das formas de o controlar foi essa. “Portanto se te portares bem durante um x tempo, podes estar a assistir”. A professora aí tinha um trabalho prévio, porque trabalhava com ele uma história, para que ele não se sentisse desintegrado do grupo, porque ele não sabia ler, embora para o grupo fosse fantástico porque conseguiu-se ali uma coesão com ele, sem discriminação, porque ele era mais velho que o resto do grupo e tinha comportamentos mutos agressivos na escola, portanto ele era um bocadinho posto de lado e quanto mais posto de lado, mais a frustração aumentava. E acabámos por conseguir ali com ele fazer um trabalho prévio, [a professora] lia-lhe a história, depois ele tinha de explicar o que é que ela lhe leu; os colegas percebiam que ele não sabia ler, mas ele estava com o livro à frente e fazia esse tipo de trabalho só para estar com os cães. Atualmente não está e não vai ingressar agora em Outubro, porque já passou de escola.

Infelizmente, porque eu acho que trabalharíamos muito bem com este rapaz. Era o mais velho do grupo, tinha 13. O que nós fazíamos era fluência e precisão da leitura, e dentro disto eram avaliados os erros de precisão, os erros da pausa, erros de entoação, índice de precisão leitora e índice de fluência leitora. Esta intervenção foi só na base da leitura.”

É o diagnóstico ou são as características pessoais que fazem depender a escolha do animal?

“Nós temos alguns cães de raça, mas não tem a ver com a raça dos cães. Dentro das terapias também há este mito, que são Goldens ou Labradores que servem... Cada cão é um cão, não é uma raça. Tem a ver com a parte comportamental do cão, com o feitio do cão, e depois mesmo em alguns casos, tendo um bom feitio do animal, um comportamento excelente para este tipo de intervenção, ao chegarmos ao local, o comportamento do animal pode modificar. Nós levamos sempre no mínimo dois cães. Se eu quero por exemplo trabalhar (combinamos previamente com a professora) em mesa, eu levo um cão pequenino, que é um cão mais portátil, que eu consigo por na mesa. Quando vou trabalhar grande parte das sessões de forma a que sejam mais informais, trabalhávamos num tapete no chão, aí eu escolheria uma das cadelas grandes. Se era só uma atividade de leitura, naquele dia não fazíamos outro tipo de atividades, outro tipo de jogos, a Lua é uma cadela excecional em que ela se deita no chão e as crianças conseguem perfeitamente estar deitadas em cima dela. Portanto é escolhido o cão consoante aquilo que queremos trabalhar e consoante também o cão esteja naquele dia.”

A escolha do animal influencia a intervenção terapêutica? “Completamente. Se eu só levar um cão e aquele cão até pode trabalhar muito bem, mas naquele dia não está bem, eu tenho a sessão estragada. Portanto nós temos sempre o segundo plano, e aí a interação com o animal muitas vezes basta-lhes. Esse menino de 13 anos fazia muito isso... Nós fazemos sessões individuais e sessões em grupo e ele afastava-se e ia para ao pé do cão só, simplesmente a fazer festas. Portanto eu não posso levar um cão que eu possa ter ali alguma dúvida se ele em alguma altura vai abocanhar. Muitas vezes também levo um cão para determinado tipo de população. Crianças com paralisia cerebral, por exemplo, muitas vezes não controlam a força e os movimentos. Se, ao haver espasmos, dá uma pancada sem querer na cadela, eu posso ter uma cadela estragada. Portanto eu tenho que ter sempre isto em conta.”

Que outros animais são “terapeutas” na instituição? “Só cães.”

Os resultados esperados dependem do diagnóstico? “Embora nas sessões individuais se pudesse trabalhar outro tipo de dificuldade que a criança pudesse ter, ao ter esta [intervenção] mais global, foi uma forma de abranger mais crianças ao mesmo tempo.”

Que resultados são esperados com a prática de cinoterapia? “Espera-se colmatar as dificuldades apresentadas. São diagnosticadas as dificuldades que as crianças têm e todo o trabalho é feito no sentido de colmatar estas dificuldades. Se nós não conseguirmos, e mesmo na totalidade algumas não vamos conseguir, pelo menos diminuir ao máximo as dificuldades que eles têm.”

Que mudanças são observadas com a prática de cinoterapia? “É bom que seja realmente avaliado porque nós acabamos por não ter muitas vezes a noção. Ou seja, como fazemos as sessões, acabamos por não ter a noção da evolução deles. Podemos ver aqui [Resultados do Questionário de Avaliação do Projeto Ler e CÃOpreender], isto é uma avaliação inicial e isto é uma avaliação final, ou seja, há em todos eles uma melhoria e muitas vezes estas melhorias nós não conseguimos detetar de imediato, portanto é muito importante que se façam as avaliações, onde há uma gravação da criança a ler e é feita depois uma cotação e depois fazem exatamente a mesma coisa, é exatamente o mesmo texto, no final, cerca de oito meses depois. Até nós ficamos espantadas com a evolução deles! Estes erros de pausa, estes erros de entoação, tudo isto é trabalhado com o cão e é fantástico ver a evolução. Se eu fosse lá, eu não tinha tido metade destes resultados, com o cão eles estão completamente despidos de preconceitos e é muito gira esta interação entre eles.”

Quais são os benefícios da prática de cinoterapia? “Há outras terapias que também os [benefícios] trazem. A diferença entre esta terapia e as terapias convencionais é que esta tem resultados muito mais rápidos. Se a criança tiver a motivação para estar com o animal, enquanto que outro tipo de terapias e outros trabalhos que já tenhamos feito, enquanto a nossa formação de base sem as intervenções assistidas podia demorar dois, três meses, aqui nós num mês conseguimos ver, em alguns casos, algum resultado. Eu digo “o cão é a minha melhor ferramenta”. Nós conseguimos muito mais rápido porque eles querem estar com o cão, eles querem mostrar o cão e o cão não tem aquilo que nós temos enquanto adultos que, é inato, a crítica. Sai muito mais facilmente do que, às vezes, um elogio. O cão é realmente a ferramenta base e os cães também desfrutam desta interação. Eu só vejo benefícios! Se for

uma criança ou um adulto que não goste de cães, não há benefício nenhum, muito pelo contrário. Já tivemos situações em que gostam, mas têm medo. Aí mantém-se na sessão, o cão não se aproxima deles e é a criança ou o utente que se vai aproximando consoante iniciativa própria.”

Em âmbito educacional, a prática de cinoterapia é eficaz? “É. Mesmo para crianças que não tenham qualquer tipo de incapacidade, é sempre uma motivação para elas aprenderem, é sempre algo que é diferente, que não é uma coisa tão formal, e é muito mais fácil nós aprendermos com a parte lúdica. E isto é extremamente eficaz! E resolveria muitos dos problemas que nós temos nas escolas...”

## Apêndice I

Quadro 4

*Síntese do Procedimento de Análise de Dados*

<b>Categorias Iniciais</b>	<b>Categorias Intermédias</b>	<b>Unidade de registo</b>	<b>Categorias Finais</b>
População-alvo da cinoterapia	Crianças e jovens (<18)	<p>“Crianças, essencialmente entre os dois e os seis anos, ou seja, intervenção precoce, mas também trabalho com crianças maiores, ou seja, vai até 12, 13 anos, tenho também crianças com essa idade. Temos como diagnóstico perturbação da comunicação e da relação, temos autismo, tenho crianças com dificuldades da leitura e da escrita, atrasos no desenvolvimento da linguagem, atraso no desenvolvimento global, há uns só com problemas articulatorios ou fonológicos.... Maioritariamente são esses. E dislexias também.”</p> <p>“Segundo ano, terceiro ano, se não me engano, eram as idades... Este projeto é direcionado só para as dificuldades de leitura e de aprendizagem e de fluência, portanto nós só fomos trabalhar neste aspeto, na fluência e precisão da leitura.”</p>	<p>Crianças e jovens com perturbação da comunicação</p> <p>Crianças e jovens com autismo</p> <p>Crianças e jovens com perturbação específica da aprendizagem</p> <p>Crianças e jovens com atraso global do desenvolvimento</p> <p>Crianças e jovens com problemas articulatorios/fonológicos</p> <p>Crianças e jovens com dislexia</p>

		<p>“São crianças que estão no ensino tradicional (...). Iniciaram conosco com 8 anos, com a exceção de um menino que não foi avaliado, (...) que tem 13 anos (...). E não foi tanto pela parte da leitura, (...); o que trabalhámos com ele foi essencialmente a integração social. Trabalhámos também muito a questão da frustração, ele não tinha qualquer tipo de tolerância à frustração. Era o mais velho do grupo, tinha 13.”</p> <p>“O que nós fazíamos era fluência e precisão da leitura, e dentro disto eram avaliados os erros de precisão, os erros da pausa, erros de entoação, índice de precisão leitora e índice de fluência leitora. Esta intervenção foi só na base da leitura.”</p>	<p>Crianças e jovens com dificuldades nas competências socioemocionais</p>
	Adultos ( $\geq 18$ )	<p>“A nossa faixa etária é a partir dos 18 anos e há diagnósticos muito variados: deficiência intelectual, paralisia cerebral, trissomia 21, autismo, várias síndromes, etc.”</p> <p>“Trabalho com uma jovem com 18 anos, portanto a idade mais nova é essa (...) e depois vai até aos 50 e tal, até à idade do mais velho. Também me desloco com o cão</p>	<p>Adultos com deficiência intelectual</p> <p>Adultos com paralisia cerebral</p> <p>Adultos com autismo</p>

		<p>aqui próximo, a uma instituição que faz parte da Associação Alzheimer Portugal, com doentes de Alzheimer (...). Nós aqui temos multideficiências, a nível motor, a nível sensorial, a nível intelectual, (...) mas a grande maioria ou tem trissomia 21, paralisias cerebrais, autismo, asperger ou algumas síndromes mais raras, como esclerose tuberosa.”</p>	<p>Adultos com síndromes diversificadas</p> <p>Adultos com alzheimer</p> <p>Adultos com multideficiências</p>
Prática da cinoterapia	Escolha do animal	<p>“Nós temos alguns cães de raça, mas não tem a ver com a raça dos cães. Cada cão é um cão, não é uma raça. Tem a ver com a parte comportamental do cão, com o feitio do cão, e depois mesmo em alguns casos, tendo um bom feitio do animal, um comportamento excelente para este tipo de intervenção, ao chegarmos ao local, o comportamento do animal pode modificar.”</p> <p>“Portanto é escolhido o cão consoante aquilo que queremos trabalhar (...).”</p> <p>“Um cão não consegue fazer aquele trabalho sozinho, um cão não consegue trabalhar aquelas horas todas, portanto eles variam.”</p>	<p>Escolha do animal consoante as atividades a desenvolver</p> <p>Escolha do animal consoante o bem-estar animal</p> <p>Escolha do animal consoante as características pessoais</p> <p>Escolha do animal consoante as características animais</p>

		<p>“Nós temos um leque de quatro cães e nós é que escolhemos, mediante aquilo que a professora de educação especial nos diz que vamos trabalhar naquela semana (...). Portanto é escolhido um bocadinho mediante as atividades que vão ser feitas.”</p> <p>“Portanto o cão é escolhido de acordo sim com as características. Quando eu tenho um grupo, porque eu trabalho muito em grupo também, é evidente que vou apanhar de tudo, aí eu trago vários cães.”</p> <p>“Para não ser muito cansativo, é tentar de manhã levar um e à tarde levar outro porque o cão fica cansado.”</p> <p>“Ou seja, há sempre a possibilidade de utilizar outro animal tendo em conta o que se pretende.”</p>	
Expectativas acerca da cinoterapia	Expectativas de resultados	<p>“A ideia é tentar acelerar os resultados. Como [as crianças] ficam mais motivadas, é tentar que mais facilmente se atinjam os resultados. Mas aqui o objetivo é tornar o ambiente mais informal, que a criança goste de ir para a</p>	<p>Espera-se facilitação de resultados</p> <p>Espera-se bem-estar</p>



		<p>terapia. A expectativa aqui é que o cão ajude na relação com a criança, ajude a chegar até elas, que por vezes não é fácil; é um veículo para chegar até elas, tornando as sessões mais divertidas, mais giras, com mais motivação e que se consiga chegar mais facilmente aos resultados.”</p> <p>“Primeiro eu tenho um objetivo geral para todos. O que eu pretendo é aumentar o bem-estar, seja o que isso for para aquela pessoa, seja um momento de alegria, seja um momento de relaxamento, seja o que for para aquela pessoa, e no fundo contribuir para um grande objetivo que nós temos aqui que é a qualidade de vida de cada um.”</p> <p>“Espera-se colmatar as dificuldades apresentadas. São diagnosticadas as dificuldades que as crianças têm e todo o trabalho é feito no sentido de colmatar estas dificuldades. Se nós não conseguirmos, e mesmo na totalidade algumas não vamos conseguir, pelo menos diminuir ao máximo as dificuldades que eles têm.”</p>	
--	--	---	--

		<p>“A nível de bem-estar, de relaxamento, que cheguem aqui e possam respirar fundo, não terem de estar a defender-se.”</p>	
	Expectativas de papel	<p>“Depois tendo em conta a nossa população, (...) é tentar que eles interajam de alguma forma com o cão, desde o estabelecimento do contacto visual, ao tentar dar uma festinha ao cão, aproximar do cão, entrar em contacto com o cão, reagir à lambidela do cão, tentar no fundo que eles expressem algo que nós consigamos perceber que é importante para eles, que sentem prazer em estar com o cão.”</p> <p>“Primeiro, de facto, que se estabeleça um vínculo com o animal e daí isso ser um facilitador na comunicação connosco, neste caso comigo, e depois daí para os outros.”</p> <p>“Temos casos graves aqui também de paralisias cerebrais, e aí no fundo é o contacto pele a pele, é o contacto com o cão, é o pelo, é a língua e os sons; nós vamos tentar olhar para o sorriso e ver se está a ser adequado ou se está a ser desagradável...”</p>	<p>Espera-se interação</p> <p>Espera-se motivação</p>

		<p>“Eu acho que, acima de tudo, no meu ver, uma maior motivação deles, porque aí acho que era a parte onde eles iriam tirar maior proveito disto.”</p>	
<p>Percepção de mudança relativa à cinoterapia</p>	<p>Condição clínica</p>	<p>“Os resultados são mais rápidos. Por exemplo, eu tenho uma criança agora com mutismo seletivo, ou seja, ela só fala quando quer. Ela comigo fala baixinho, com o cão já fala com volume normal e com pessoas estranhas ela não fala. Então eu consigo que o cão promova esta parte social, ou seja, por exemplo, eu ainda ontem fui com ela, fomos passear ao café perto de onde eu trabalho, falei com uma senhora que queria saber o nome do cão e foi ela que respondeu, baixinho, mas já respondeu. Depois combinei com ela que íamos pedir água, ela disse que não queria ser ela a pedir. Quando cheguei lá, eu perguntei-lhe “Então o que é que vamos pedir?” e ela disse “Água” baixinho, mas disse, ou seja, [a cinoterapia] ajuda muito estas crianças que têm muita dificuldade social.”</p>	<p>Percebem-se melhorias</p>

		<p>“Ela só esteve comigo ainda três vezes, uma vez por semana, e aquilo que me é dito doutras atividades é que ela se interessa pontualmente, têm dificuldade em motivá-la, e aqui eu não preciso de muito para que ela reaja; o pouco movimento que ela tem, tanto facial como no braço que ela consegue utilizar, eu vejo a intenção, a alegria de ter o cão à frente dela, em cima dela, e querer fazer-lhe festas e fazer à maneira dela.”</p> <p>“Podemos ver aqui [Resultados do Questionário de Avaliação do Projeto Ler e CÃOprender], isto é uma avaliação inicial e isto é uma avaliação final, ou seja, há em todos eles uma melhoria (...).”</p> <p>“Eu acho que conseguimos, porque todos eles tinham vontade de ler e de ler para o cão e era muito giro!”</p>	
	Bem-estar	<p>“(…) nos mais dependentes a evolução que se vê é de facto o bem-estar quando eles estão com o cão e o sentimento de alegria.”</p> <p>“Para já, o mais evidente é que me gratifica muito é eu saber que a</p>	Percebe-se bem-estar

		minha pessoa e este espaço traz-lhes muita alegria, porque é evidente. Eles chegam ali à porta, é como os cães, sabem que vão brincar aqui, vão levar festas e biscoitos, sentem este espaço como um espaço bom e a minha pessoa associada ao cão.”	
	Vida em geral	“E depois temos constatado que de facto eles têm aderido e manifestado expressões e sensações que de outra forma não o fazem, porque é um grupo de facto com muitas limitações e quando, por exemplo, me veem e dizem “olha a mulher do cão!” ou na sala dizem “cão, cão”, já é um grande ganho saber que eles associam, têm aquela atividade quando aparece o cão ou sorriem.”	Percebem-se mudanças gerais
Benefícios da cinoterapia	Sociais	“Nós conseguimos muito mais rápido porque eles querem estar com o cão, eles querem mostrar o cão (...)”	Vantagens a nível social
	Comportamentais	“Elas tendem a ficar mais verbais.”	Vantagens a nível comportamental
	Cognitivos	“Mesmo num grupo, eles não têm as mesmas capacidades, os grupos não são assim tão homogéneos e, portanto, dá para ir puxando por um uma coisa, por outro, outra coisa, e no fundo quem não tem capacidade de resposta, vai	Vantagens a nível cognitivo

		<p>ouvindo e vai de alguma forma também colhendo mais informação, que é a vantagem dos grupos.”</p> <p>“Mesmo até em termos de memória.... Utilizo também muito até para eles se lembrarem do nome dos cães, o que é que fizeram antes, os cães que já não temos, mas com quem eles trabalharam...”</p>	
	Físicos	<p>“Um dos mais autónomos, por exemplo, a mãe referia que ele tinha muito medo de cães porque os vizinhos têm vários cães e era um problema para ele subir o elevador com os cães, etc., mas quiseram experimentar e de facto neste momento ele já entra em qualquer espaço com cães, já procura o cão espontaneamente; claro que ainda se assusta quando há muita energia, mas já sabe que não é um perigo.”</p>	Vantagens a nível físico
	Emocionais	<p>“Primeiro que tudo, porque começamos com motivação. Se as crianças não tiverem motivação, é muito complicado tirar alguma coisa delas, e através do cão conseguimos não só trabalhar os nossos objetivos como também chegar a outro tipo de objetivos.”</p>	Vantagens a nível emocional

	Educacionais	<p>“A diferença entre esta terapia e as terapias convencionais é que esta tem resultados muito mais rápidos. Se a criança tiver a motivação para estar com o animal (...), aqui nós num mês conseguimos ver, em alguns casos, algum resultado.”</p>	Vantagens a nível educacional
Perceção de eficácia da cinoterapia	Eficácia total	<p>“Imenso, imenso, imenso.”</p> <p>“É. Mesmo para crianças que não tenham qualquer tipo de incapacidade, é sempre uma motivação para elas aprenderem, é sempre algo que é diferente, que não é uma coisa tão formal, e é muito mais fácil nós aprendermos com a parte lúdica. E isto é extremamente eficaz! E resolveria muitos dos problemas que nós temos nas escolas...”</p> <p>“Sim. Este projeto é feito muitas vezes noutros sítios, não só em contexto de sala de aula, mas é feito especialmente em Inglaterra, em bibliotecas, por exemplo, em que há hora para ler para o cão. Normalmente tem uma afluência muito grande e de facto resulta os miúdos lerem para os cães. (...) tem tido resultados muito bons. É produtivo! É super motivador!”</p>	Cinoterapia é eficaz

		<p>“Como trabalho com a parte da leitura e da escrita, acabo por trabalhar um bocadinho também na área da educação e também funciona muito bem!”</p>	
	Eficácia parcial	<p>“Eu acho que é, apesar de cada caso ser um caso. Porque o cão é um estímulo tão rico, que eu acho que se nós pesarmos, de facto, em relação a outro tipo de terapias, a outro tipo de intervenções, tem a vantagem de ser uma coisa que abrange imensa coisa! Portanto é um estímulo visual, auditivo, a todos os níveis! Por ser tão rico, e por ser um ser vivo, tem essa vantagem sobre outro tipo de intervenções. É sem dúvida nenhuma eficaz. Agora é uma eficácia diferente para cada um. Eu também não concordo com a ideia de que como é uma forma de intervenção relativamente recente no país, que é quase uma coisa milagrosa, que resolve tudo... Não é, não é essa nem é nenhuma! Se for bem-feita pode ser muito boa para alguns, não é para todos, nem para todas as situações. Agora não é nada mágico.”</p>	<p>Cinoterapia é parcialmente eficaz</p>